



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

**MEDEIA SOB UM NOVO OLHAR: UMA ANÁLISE DA CONDIÇÃO FEMININA DA
PERSONAGEM DE EURÍPIDES E A RACIONALIZAÇÃO DE SEUS ATOS
TRANSGRESSORES**

LAÍSA MARTINS GOMES

CATOLÉ DO ROCHA-PB

2021

LAÍSA MARTINS GOMES

**MEDEIA SOB UM NOVO OLHAR: UMA ANÁLISE DA CONDIÇÃO FEMININA DA
PERSONAGEM DE EURÍPIDES E A RACIONALIZAÇÃO DE SEUS ATOS
TRANSGRESSORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba–Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo.

CATOLÉ DO ROCHA-PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633m Gomes, Laísa Martins.

Medeia sob um novo olhar [manuscrito] : uma análise da condição feminina da personagem de Eurípedes e a racionalização de seus atos transgressores / Laísa Martins Gomes. - 2021.

59 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Condição feminina. 2. Transgressão. 3. Dignidade. I.

Título

21. ed. CDD 305.4

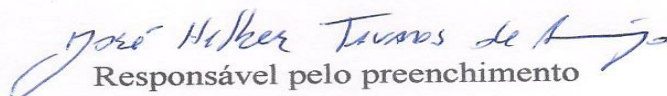
LAÍSA MARTINS GOMES

**MEDEIA SOB UM NOVO OLHAR: UMA ANÁLISE DA CONDIÇÃO FEMININA DA
PERSONAGEM DE EURÍPIDES E A RACIONALIZAÇÃO DE SEUS ATOS
TRANSGRESSORES**

Aprovado em: 07 / 10 / 2021

Nota: 10,0

BANCA EXAMINADORA


Responsável pelo preenchimento

Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo – UEPB/CAMPUS IV
(Orientador)



Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima – UEPB/CAMPUS IV
(Examinador)



Prof. Me. Fábio Pereira Figueirêdo – UEPB/CAMPUS IV
(Examinador)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por ter me guiado e por sempre me fortalecer nos momentos de angústias em minha jornada até aqui. Em segundo lugar, gostaria de dedica-lo as mulheres mais importantes da minha vida: minha mãe, minha tia, e minha avó materna (in memoriam) por todo amor e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter me dado forças para chegar até aqui, sem ele em minha vida nada disso seria possível.

À minha família, minha base, especialmente a minha tia Maria José (titia) por todo o incentivo durante toda minha formação educacional, por sempre cuidar de mim e buscar me mostrar os melhores caminhos a seguir. E à minha mãe que, quando necessário, nunca mediu esforços para me proporcionar uma boa formação.

Gostaria de fazer um agradecimento especial a minha vó materna (in memoriam) por ter sido o meu melhor colo nos momentos de angústia, o meu porto seguro e de paz. À ela, minha eterna protetora, que tinha o melhor abraço do mundo; meu abrigo preferido.

Aos meus amigos do curso que sempre me estenderam a mão quando precisei, especialmente Thayná e Orlando, que sempre mantiveram sua casa de portas abertas para mim. Agradeço também ao Barraco todo por todo companheirismo e carinho. Passe o tempo que for, sempre irei lembrar de vocês.

Um agradecimento também aos meus amigos do fundão, por todos momentos alegres proporcionados, por toda parceria e risos infinitos. Vocês tornaram meus dias mais alegres e me motivaram a enfrentar os momentos mais difíceis dentro da instituição. Que nossa amizade seja eterna.

Agradeço também as melhores amigas que fiz na UEPB, Raiane e Daniela, por toda a cumplicidade, por nossa união e carinho. Com vocês ao meu lado pude ter os melhores momentos da universidade, os mais alegres e os mais tensos. Muito obrigada também por toda motivação e apoio nos momentos mais conturbados de minha vida. Levarei vocês para minha vida.

E um agradecimento mais do que especial ao meu querido orientador Prof. José Helber Tavares de Araújo, por toda paciência e compreensão durante todo meu processo de escrita, por não desistir de mim, por me incentivar a continuar e pelos esclarecimentos sempre que eu precisava de uma luz.

Agradeço também ao meu namorado por todo carinho, apoio e força quando precisei, sempre muito amoroso.

E, por último, mas não menos importante, agradeço a mim mesma por não ter desistido diante dos desafios e pela determinação para chegar até aqui.

*Antes de julgar a minha vida
calce os meus sapatos
percorra o caminho que eu percorri
viva as minhas tristezas, as minhas dúvidas
viva as minhas alegrias
tropece onde eu tropecei e levante-se,
assim como eu fiz.*

*Nossos momentos.
Canção de Maria Bethânia.*

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a condição feminina da personagem Medeia e a racionalização de seus atos transgressores. Tendo em vista que a opinião coletiva irrefletidamente qualifica a personagem como psicótica que por ciúmes do marido matou os próprios filhos, é de extrema importância realizar esta pesquisa que esclarece sua verdadeira condição e suas reais motivações para os crimes. Nesse sentido, a pesquisa se propôs a examinar primeiramente como era a vida das mulheres na Atenas clássica, inclusive o estatuto inferior das estrangeiras que viviam em território grego, que é o caso de Medeia. O estudo verifica também a finalidade da tragédia grega e as representações femininas; aborda o mito de Medeia, um resumo de sua peça trágica e as rupturas na escrita de Eurípides; e por fim, será feita uma análise da condição social e emocional da protagonista diante dos infortúnios de sua vida, e depois uma análise de suas transgressões e a racionalização desses atos. Tendo como metodologia a pesquisa bibliográfica, na qual a principal fonte se trata da tragédia grega “Medéia” de Eurípides, traduzida por Kury (1991), utilizou-se também pesquisas e obras de diversos autores relacionadas ao tema, como as de Robustelli (2015), Lessa; Nogueira (2018), Rinne (2017), e Vieira (2010). Dessa forma, foi possível concluir que Medeia, inicialmente na peça, foi submetida a diversos infortúnios, sendo posta numa situação social e emocional muito difícil, injusta e desonrosa, diante disso ela decide se vingar de seus inimigos do modo mais fatal, e racionaliza essa prática como extremamente necessária para superar as desventuras e para a recuperação da sua força interior e da sua honra heroica.

Palavras-chave: Condição feminina; Transgressão; Dignidade.

ABSTRACT

This study aims to analyze the female condition of the character Medea and the rationalization of her transgressive acts. Considering that the collective opinion unreflectively qualifies the character as psychotic who, out of jealousy of her husband, killed her own children, it is extremely important to carry out this research that clarifies her true condition and her real motivations for the crimes. In this sense, the research proposed to examine first how the life of women in classical Athens was, including the inferior status of foreigners who lived in Greek territory, which is the case of Medea. The study also verifies the purpose of Greek tragedy and female representations; addresses the myth of Medea, a summary of her tragic play and the ruptures in the writing of Euripides; and finally, there will be an analysis of the social and emotional condition of the protagonist in face of her life misfortunes, and then an analysis of her transgressions and the rationalization of these acts. Using bibliographical research as a methodology, in which the main source is the Greek tragedy “Medea” by Euripides, translated by Kury (1991), research and works by several authors related to the subject were also used, such as those by Robustelli (2015), Lessa; Nogueira (2018), Rinne (2017), and Vieira (2010). Thus, it was possible to conclude that Medea, initially in the play, was subjected to several misfortunes, being placed in a very difficult, unfair and dishonorable social and emotional situation. She rationalizes this practice as extremely necessary to overcome misadventures and to recover her inner strength and heroic honor.

Keywords: Female condition; Transgression; Dignity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A VIDA DAS MULHERES NA ATENAS CLÁSSICA	10
1.1 Méliissai	10
1.2 Metecas (Estrangeiras)	20
1.3 Concubinas	22
1.4 Hetairas	23
1.5 Pornaí.....	23
1.6 Escravas	24
2. A TRAGÉDIA GREGA E AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS	25
3. MEDEIA E A PRODUÇÃO TRÁGICA DE EURÍPIDES	31
3.1 O mito de Medeia	31
3.2 Resumo da tragédia grega	33
3.3 Eurípidés e as rupturas na escrita da peça trágica	33
4. ANÁLISE DA CONDIÇÃO FEMININA DA PERSONAGEM MEDEIA E A RACIONALIZAÇÃO DE SEUS ATOS TRANSGRESSORES	38
4.1 A condição social e emocional de Medeia frente às desventuras de sua vida	39
4.2 As transgressões de Medeia e a racionalização de seus atos	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

INTRODUÇÃO

É comum em uma sociedade machista depreciar as ações da mulher ao cometer um ato incomum em oposição ao normalmente esperado, principalmente quando o ato é revoltoso. Desconsiderar suas condições, suas questões, é algo recorrente, é sempre mais fácil culpá-la. Quando uma mulher reage com violência contra as injustiças, a sociedade a subjuga e a condena com adjetivos perversos sem ao menos conhecer de fato sua situação, e o que a fez chegar aos extremos. Com a personagem Medeia, da peça trágica de Eurípides, não é diferente, a todo lado vê-se críticas a respeito do infanticídio cometido pela personagem, e claro, fazendo uma leitura grosso modo realmente é fácil reduzi-la a assassina, por isso ela costuma ser interpretada pela opinião coletiva como uma mulher desajustada e sanguinária que foi capaz de cometer brutalmente um infanticídio contra os próprios filhos para se vingar da traição do ex-marido, entretanto essa visão é equivocada, pois a protagonista teve motivos bem mais complexos e relevantes para praticar suas transgressões.

Nesse sentido é de extrema importância realizar esta pesquisa que busca responder qual era a condição feminina de Medeia e a racionalização de seus atos transgressores. É relevante ressaltar que o foco do trabalho não é tentar inocentar Medeia dos assassinatos, mas compreender o raciocínio da personagem. E a partir da análise serão esclarecidas as verdadeiras razões dos crimes de Medeia, bem como sua situação inicial de completo infortúnio a qual ela foi submetida pelos inimigos. E diante desses esclarecimentos quebra-se o paradigma de que Medeia é um ser irracional e cruel que cometeu os atos transgressores por mero ciúme do ex-marido, e passa a proporcionar uma nova e mais positiva perspectiva sobre a personagem, destacando sua condição infeliz, e que esta, assim como suas vinganças, não derivam simplesmente da traição amorosa de Jasão, e sim de questões bem mais significativas e que vai muito além da vida conjugal do casal, trata-se da falta de respeito, falta de compromisso, e de empatia pela situação da feiticeira estrangeira que luta para reconquistar sua dignidade e força.

Foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica qualitativa de textos que abordam o feminino na Grécia antiga; pesquisas de estudiosos da tragédia grega e da escrita de Eurípides como Vieira (2010), a leitura da peça “Medéia” traduzida por Kury (1991) e demais trabalhos como os de Silva (2011), Robustelli (2015), Lessa; Nogueira (2018), Rinne (2017), entre outros, que são relacionados ao tema em questão.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. O primeiro intitulado “A vida das mulheres na Atenas clássica” examinará a vida dessas mulheres, as diferenças existentes entre as categorias femininas, bem como as imposições e discriminações sociais sofridas por cada uma delas. Depois, no segundo capítulo irá verificar a finalidade da tragédia grega e as interpretações que se tem acerca da representação de personagens femininas nas peças. No terceiro será abordado o mito de Medeia, a sua tragédia grega e as rupturas na produção escrita de Eurípides. E no quarto e último será realizada a análise sobre condição feminina de Medeia e a racionalização de seus atos transgressores, onde falará primeiramente do seu estado infortunado ao início da peça, antes de praticar as transgressões, ressaltando sua desestruturação social e emocional a qual foi submetida pelos inimigos, e depois analisará suas transgressões e as motivações de seus atos, demonstrando ter sido elas, uma forma de superação e de busca por sua dignidade.

1. A VIDA DAS MULHERES NA ATENAS CLÁSSICA

O universo feminino ateniense do século V a.C. era composto por diferentes categorias de mulheres, com específicas condutas e valores sociais para cada uma delas. Entre todos os estatutos femininos, o principal era o das esposas legítimas também chamadas de *mélistai* ou *gynaykes*, e não era qualquer mulher que poderia está inserida nessa classe, ela abarcava somente as mulheres mais dignas, as filhas de cidadãos atenienses. As demais classificações eram compostas pelas metecas (estrangeiras); concubinas ou *palákinas*; *hetairas*; *pornai* e pelas escravas. Para Sue Blundell (1995), “[...] mais do que uma realidade fática, a segregação das mulheres seria um ideal aristocrático masculino” (BLUNDELL *apud* BERQUÓ, 2015, p. 11). Isso porque os homens, especificamente o grupo dos cidadãos, que idealizavam e submetiam as mulheres de Atenas à essa divisão social, se beneficiavam com a existência desse ideal de diversidade feminina. Importante saber que apesar das diferentes classificações, nenhuma delas conseguia ser superior aos homens. Nesse sentido, as mulheres eram sempre vistas como inferiores, fracas e emotivas, sendo colocadas como algo negativo e vergonhoso para a comunidade *políade*; sendo portanto, o completo oposto dos atributos masculinos.

1.1 Mélistai

A categoria mais estudada ao longo dos anos foi a das esposas legítimas, também chamadas de *Gynaiques*. As mulheres dessa posição estavam submetidas pela comunidade *políade* de Atenas a seguir um determinado modelo considerado o ideal de comportamento feminino; conhecido como *mélissa*, associado ao comportamento da abelha. Este modelo estabelecia às mulheres, principalmente àquelas denominadas como bem-nascidas, (filhas, mães e esposas dos cidadãos mais abastados da *pólis*) uma coleção de atributos, como a submissão e devoção à família, que as limitavam de diversos prazeres e vivências sociais. Eram excluídas da vida política, econômica e intelectual, bem como dos prazeres sexuais, e passavam grande parte do tempo reclusas em suas casas (*oikos*), pois a sociedade desse período acreditava que o espaço privado era seu local de atuação, enquanto o espaço público era destinado somente aos homens. Sua função social se dava em realizar com primazia as atividades domésticas e a reprodução de filhos, preferencialmente homens, para serem futuros cidadãos e herdeiros legítimos. Mantinham relação sexual exclusivamente com o seu marido e com o único e primordial objetivo de dar a este, filhos. É possível crer que o modelo *mélissa* refira-se também às mulheres que ainda eram solteiras, porém, bem-nascidas, e que tiveram

sua educação direcionada em função do casamento. Nesse sentido, o ideal feminino definia-se rigorosamente por:

um conjunto de virtudes convencionalmente reservado às mulheres (...), no qual se inclui o exercício das atividades domésticas, a submissão ao homem, a abstinência aos prazeres do corpo considerados como masculinos, o silêncio, a fragilidade e a debilidade, a reprodução de filhos legítimos - preferencialmente do sexo masculino - , a vida sedentária e reclusa no interior do *oikos*, bem como sua exclusão da vida social, pública e econômica.¹⁰⁸ (LESSA *apud* SILVA, 2011, p. 46)

Assim, este modelo foi implantado em razão dos direitos cívicos de cidadania e bens materiais serem transmitidos somente aos filhos legítimos de um cidadão ateniense com sua esposa legítima ateniense, filho este que seria futuramente também um cidadão de Atenas. Entendesse por cidadão as seguintes colocações: “[...] homens adultos livres, filhos de pais reconhecidamente atenienses, e residentes em Atenas.” (JUST, 1994, p. 15 *apud* GERALDO 2018, p. 133), ou o indivíduo que tem direito de “[...] participar da vida política na Pólis, ou seja, apenas os homens livres e maiores de vinte anos [...]” (MOSSÉ, 1995: 121 *apud* MATA, 2009, p. 57). Eles integravam um grupo que compartilhavam o poder de decisão sobre assuntos da cidade-estado. Assim, na tentativa de assegurar a fidelidade conjugal das mulheres, e de manter os bens em família por meio da transmissão feita por uma geratriz legítima, foi estabelecido esse ideal feminino. Como afirma Perrot: “Havia uma necessidade de ter filhos varões, para que se enquadrassem na condição de cidadãos, garantindo a descendência e o nome da família e evitando perdas de ordem patrimonial.” (PERROT, 2003: 18 *apud* MATA, 2009, p. 57). Dito isto, nota-se quão importante e restrito era o grupo democrático de cidadãos de Atenas, que comandava as decisões da *pólis*. E percebe-se que apesar de não possuírem a cidadania ativa, as mulheres tinham um papel essencial na transmissão dessa cidadania masculina, visto que estes filhos e futuros cidadãos só conseguiam esse título por meio delas.

Portanto, as mulheres [...] constituíam o grupo dos não cidadãos. Além das mulheres, outros grupos também eram politicamente inativos e, portanto, não considerados cidadãos: as crianças, metecos (estrangeiros residentes em Atenas), estrangeiros não residentes e escravos. Constata-se, desse modo, que apenas um pequeno número da população total de Atenas usufruía dos direitos de cidadania. (GERALDO, 2018, p. 134)

Logo, com o intuito de garantir a descendência legítima, a educação da mulher do período clássico era norteada no propósito de se casar, ser uma boa esposa e mãe, visto que esses eram os principais propósitos de sua vida. De acordo com Silva (2011, p. 37-38), seu conhecimento era formado por sua própria mãe, que lhe disciplinava para ser uma boa esposa

e administradora do *oîkos* (lar), a menina aprendia desde cedo ensinamentos sobre os mais diversos afazeres domésticos, além de regras comportamentais para se tornar uma boa esposa, sabendo agir de maneira submissa perante o seu futuro marido. Eram obrigadas a casar cedo, por volta dos 15 e 18 anos, sob o argumento de que mulheres eram libidinosas e fracas para conterem seus desejos sexuais, outro motivo seria a obrigatoriedade de se casar virgem. Portanto, numa tentativa de assegurar essa castidade ao marido, era imposto de maneira precoce o casamento para mulheres em fase de adolescência. Como afirma Silva:

No Período Clássico o principal valor de uma mulher era sua capacidade de gerar crianças, o que fazia da maternidade e conseqüentemente do casamento “os objetivos mais importantes de toda cidadã.” [...] Enquanto seus irmãos por volta dos seis anos começavam a ter lições com pedagogos, as meninas ficavam em casa recebendo de suas mães instruções relativas ao serviço doméstico [...] A jovem passava assim de forma abrupta da infância ao mundo da sexualidade adulta. Não é de se estranhar, portanto, que o casamento seja não só traumático, mas também “o choque mais brutal na vida de uma mulher grega.” Ao contrário de seu irmão que, segundo Pierre Brulé, ao sair da infância atravessa uma espécie de adolescência prolongada para se acostumar a existência masculina [...] (SILVA, 2011, p. 37-38)

A respeito da atuação feminina é importante salientar que existem muitas divergências acerca desse assunto; porém, pode-se afirmar com convicção que apesar da participação na política ser restrita aos homens considerados cidadãos, as mulheres não estavam completamente afastadas da esfera pública e cívica, pois tinham um papel importante de atuação nas festividades religiosas de sua *pólis* e em alguns ritos cívicos, e com isso, estavam inseridas e participando ativamente de alguma atividade da esfera cívica; rompendo assim, com aquele paradigma de reclusão doméstica, e adquirindo mais liberdade para transitar pela *pólis* em detrimento da organização das festividades e ritos religiosos; se fazendo mais uma vez indispensável na integração da comunidade cívica da sociedade do período clássico, considerando a importância da religião para os cidadãos e sua comunidade. A respeito da importância da religião e do vínculo feminino, Mossé afirma: “Em Atenas, ser cidadão não significava apenas fazer parte de um grupo, mas [...] e no plano religioso, mantendo uma boa relação com os deuses para que garantissem benefícios e proteção“ (MOSSÉ, 1995: 31 *apud* MATA, 2009, p. 59).

A religião era a única atividade propriamente cívica aberta às mulheres e às filhas dos cidadãos. Mas eram principalmente as mulheres casadas que participavam de forma mais ativa da religião cívica. Havia uma festa que lhes era reservada, a festa das *Thesmophorias*, em honra a Deméter. (MOSSÉ, 1995: 65 *apud* MATA, 2009, p. 60)

As *Tesmophorias* e as *Panatheneias* foram os cultos de maiores relevâncias de atuação feminina. As *Thesmophorias* faziam parte dos cultos oficiais da *pólis*, e tinham o propósito de

assegurar a fertilidade dos animais, dos homens e do solo; sua principal peculiaridade é que as mulheres tinham participação exclusiva nessas festividades, porém, somente as esposas mais ricas tinham papéis de destaques nessas cerimônias. Mais uma vez a mulher se mostrando importante e necessária para sua *pólis*, dessa vez, através das ações coletivamente femininas e suas crenças religiosas que proporcionam aos cidadãos a renovação da esperança, lhes encorajando a um futuro promissor de abundância alimentar. Para Mata (2009, p. 83), a participação feminina nesta festa, era uma maneira de validar a posição de esposa legítima.

As mulheres estavam totalmente integradas na vida religiosa, nos ritos, principalmente naqueles que diziam respeito ao nascimento e morte. Ainda na adolescência, as meninas que se preparavam para o casamento atuavam nas procissões como canéforas, carregando à frente do cortejo, a cestinha com os petrechos para o ritual do deus homenageado. Mais tarde, como esposas legítimas, presidiam a assembleia das Tesmofórias, o mais importante ritual da deusa Deméter, que patrocinava a perpetuação dos cidadãos pela fertilidade do solo. (DEZOTTI; QUINELATO, 2003: 185 *apud* MATA, 2009, p. 79)

Ainda integrado às funções da Méliッサ estavam os deveres de desempenhar com maestria diversas tarefas voltadas para o bom andamento do *oïkos* e bem estar da família; O intuito principal de tanto cuidado era de conservar e zelar os bens do seu lar para futuramente repassar em boas condições aos herdeiros legítimos de seu esposo, visto que essa perpetuação da herança tinha uma extrema relevância moral e cívica na vida dos homens. Segundo Lessa, as principais atribuições domésticas de uma esposa baseavam-se em:

“[...] olhar pela criação das crianças, supervisionar os escravos, cuidar das provisões alimentares, administrar os trabalhos domésticos, zelar pela preservação e armazenagem agrícola, controlar o estoque de produtos e também se empenhar, pessoalmente, na fiação e tecelagem, na condição de prover as roupas necessárias para a família” (LESSA, 2001: 60 *apud* MATA, 2009, p. 35)

Com isso percebe-se quão necessária era a mulher, pois seu desempenho nas atividades que lhe eram atribuídas era imprescindível para garantir um bom funcionamento de diversos segmentos familiares, sem ela não seria possível manter a organização e eficiência dentro do *oïkos*. Conforme Silva (2011, p. 43-44), dentro de sua casa ela era a rainha, controlava as finanças da casa, a educação de seus filhos, cuidava da saúde deles, bem como a de seus escravos doentes, e possuía o poder de comandar seus serviços, e de decidir a função de cada um de acordo com suas aptidões, podia ainda punir ou gratifica-los; além de realizar os básicos serviços destinados ao sexo feminino, como cozinhar, limpar e tecer.

E é a maneira segundo a qual ela usa esse poder que distingue a boa dona de casa da má, aquela que é dotada de qualidades “régias” daquela que está desprovida dessas mesmas qualidades. Não é mero acaso se Xenofonte, nas palavras de Iscômaco, compara a função da mulher no seio do *oïkos* com a da rainha das abelhas. (MOSSÉ *apud* SILVA, 2011, p. 44)

Sendo assim, apesar de estarem num lugar de inferioridade aos homens, elas tinham certa relevância e eram muito valorizadas por seus serviços. Entretanto, seu valor se reduzia a essas meras atividades regadas pelo patriarcado, como os serviços do lar e a maternidade. Ainda relacionado à suas funções estava incluso os afazeres agrícolas, nesse sentido, Silva (2011, p. 47) contrariando as afirmações de Sarah B. Pomeroy sobre uma rígida reclusão doméstica, chama atenção para o fato de que as mulheres certamente saíam de suas casas, principalmente para fazer atividades agrícolas, como regar as plantações e colher os frutos, tendo em vista que a maior parte da população de Atenas daquela época vivia na zona rural, e devido à necessidade de realizar seus afazeres, como prover a alimentação à família, se ausentavam de suas casas e assim do seu lugar de destinação imposto socialmente: a esfera privada. Como confirma Lessa:

[...] as esposas para o próprio desempenho de seus afazeres domésticos tinham que se ausentar algumas vezes do *oikos*. Deste modo, seja para pedir algo emprestado a suas vizinhas, seja para colher frutas ou para simplesmente visitar suas amigas, as mulheres – embora tenhamos que ter o cuidado para não descambar num outro extremo - saíam de suas casas. (LESSA *apud* SILVA, 2011, p. 54)

É certo que o *oikos* era seu principal espaço de atuação, onde passava maior parte de seu dia, especialmente para as bem-nascidas, servindo como uma demonstração de status, feminilidade e cumprimento às imposições do modelo méliassa. Porém, a condição de vida de uma esposa de família pobre não dava a ela alternativas para se manter no ambiente doméstico, tendo assim que frequentar a esfera pública visto que não tinha escravas para realizar os serviços externos, ou até mesmo devido às condições financeiras precárias em que a família se encontrava, logo, era preciso que a esposa também trabalhasse com outras tarefas para complementar a renda familiar, seja como lavadeiras ou vendedoras, etc..

Embora “a condição jurídica da mulher ateniense fosse uma, a verdadeira situação social introduzia diferenças significativas.” As esposas pobres se viam obrigadas muitas vezes a sair de casa para ir ao mercado ou para executar trabalhos externos ao seu *oikos*; como vender o excedente de legumes, de frutas, de azeitonas, ou “trabalhar como *babá* para complementar os recursos da família.” Enquanto, “a mulher ateniense de boa família ficava em casa rodeada por servas e saía unicamente para cumprir seus deveres religiosos.” (SILVA, 2011, p. 52)

Sobre o casamento, sabe-se que apesar de ser visto como o fato o mais importante de sua vida, ele não daria a mulher nenhuma modificação de status legal ou inserção política, porém, havia uma mudança positiva nos aspectos sociais e emocionais de sua vida, pois segundo Vrissimtzis, era apenas devido ao casamento que a mulher conseguia obter

notoriedade na sociedade, visto que a união simbolizava a continuação dos descendentes diretos (VRISSIMTZIS, 2002: 40-42 *apud* Mata, 2009, p. 31). Certamente, o casamento e a procriação dos filhos, representava uma grande importância na vida da mulher, visto que com esse feito ela adquiria certa consideração social entre as pessoas.

Muito embora, tenha outro ponto que demarca novamente o machismo do período e a impotência feminina, que é a deslegitimação do direito de escolher o próprio marido, homem com quem dividiria a vida e formaria uma família. Nas palavras de Vrissimtzis, “Não se permitia que a moça ateniense tivesse qualquer contato com o sexo oposto e tão pouco ela poderia escolher o homem com quem iria se casar, tratava-se de um acordo familiar” (VRISSIMTZIS, 2002: 36 *apud* Mata, 2009, p. 57). Para enfatizar ainda mais a cultura falocêntrica desse período, a escolha era feita pelo tutor da mulher considerando questões econômicas e políticas, ou seja, mais uma vez os homens tomavam decisões sobre a vida dessas mulheres.

No plano da cultura as mulheres funcionavam como penhor, numa transação entre sogro e genro. [...] tratava-se de um acordo por meio do qual a tutela era transferida do primeiro (sogro) para o segundo (genro). Dessa forma, o casamento era concebido como o meio pelo qual o homem obteria descendentes. Casar era uma forma de aquisição, uma forma de comércio. (LOPES, 2008, p. 6)

Sendo assim, elas não eram nunca independentes, não tinham autonomia sobre suas vidas e seus corpos. Estavam sempre sob a tutela de algum homem, preferencialmente o parente mais próximo, podendo ser o pai, irmão mais velho ou mais novo, tio, marido, ou alguém designado pelo estado. Portanto, eram sempre reconhecidas e associadas a algum ateniense, seja como filha, mãe, viúva, irmã ou esposa desse cidadão. Esse indivíduo poderia representá-la nos tribunais, fazer negociações em seu nome, mas também tinha a responsabilidade de mantê-la bem cuidada e criada nos diversos segmentos da vida feminina.

Elas não eram consideradas competentes legalmente e não tinham autonomia para se responsabilizar por suas próprias ações ou defender os seus próprios interesses. Por isso, a mulher passava toda sua vida sob a supervisão de um *κύριος* (JUST, 1994, p. 26; BLUNDELL, 2001, p. 114). De acordo com Just (1994, p. 26), o *κύριος* era uma espécie de “guardião”, responsável por moradia, sustento, educação e bem-estar da mulher. Ele também a representava em todas as instâncias legais e, inclusive, atuava na negociação de seu casamento. (GERALDO, 2018, p. 134)

Com isso, as mulheres atenienses geralmente se casavam muito jovens, e concebiam muitos filhos ao longo de sua vida, enquanto os homens se casavam bem mais tarde, o que conseqüentemente faz com que as mulheres jovens acabem tendo que se casar com homens muito mais velhos que elas. “Geralmente, as esposas em Atenas viviam cerca de trinta e sete anos e concebiam em média seis filhos. Os homens se casavam por volta dos trinta anos, e as

mulheres em torno de dezesseis“ (VRISSIMTZIS, 2002: 47-49 *apud* MATA, 2009, p. 35). Ademais, havia uma pressão muito grande sobre elas para que gerassem filhos do sexo masculino considerando os benefícios que o marido conseguiria com o nascimento do filho desse gênero; e nas relações sexuais as mulheres estavam submetidas ao papel exclusivamente de geratriz, e, portanto, impedidas de demonstrar sensações de prazer durante o ato sexual. O sexo entre o casal tinha como único objetivo, ter filhos legítimos. Segundo Mossé:

O seu papel era o de conceber filhos e cuidar da casa, e era com esse propósito que os homens a tomavam em casamento. Uma esposa legítima tinha assim que admitir que o prazer não era palco de sua atuação, “ela tinha que deixar para outras os prazeres do espírito (as cortesãs) e do corpo (as concubinas).” (MOSSÉ *apud* SILVA, 2011, p. 52)

Todavia, apesar de existir uma crença majoritária, como a de Pomeroy, de que a relação era sem afeto e o sexo um ato apenas obrigatório entre o casal, Silva (2011, p. 48-49), discorda desta afirmação, com a tese de que há fortemente a possibilidade de que havia realmente amor e afetividade nas relações sexuais e no cotidiano entre o casal, mesmo não sendo este o objetivo do casamento, e existindo certo distanciamento devido às diferenças educacionais e de idade.

Além da provável falta de afeto, as mulheres também se viam sozinhas no que diz respeito aos métodos preventivos da gravidez, era responsabilidade apenas da mulher pesquisar e aplicar os meios contraceptivos e abortivos sem recorrer ao marido. Ademais, costumavam sofrer com complicações durante a gestação e o parto; conforme Mata (2009, p. 35) salienta: “Devido aos conhecimentos médicos do período a gestação e o parto se efetivavam de formas rudimentares, podendo ocasionar em muitos casos o falecimento do herdeiro e da própria mãe.”.

As filhas mulheres eram menos valorizadas do que filhos do sexo masculino, pois os pais teriam que gastar com o dote de seu casamento e elas não podiam herdar as propriedades paternas, poderiam apenas transmiti-las para seus filhos, ou seja, para os netos do pai dela. Fato que talvez se justifique pela idealização que os homens faziam do caráter da mulher, colocando-a como um ser irracional, frágil, descontrolado e luxuoso. Em todo caso, a mulher era uma peça fundamental para a garantia da transmissão da herança e da continuidade do *oikos* paterno, por meio da posse restrita e indireta que ela possuía, nessa condição eram então denominadas socialmente como *epikléros*. Como afirma Silva:

[...] embora um pai possa ter ficado freqüentemente feliz com o nascimento de uma filha após ter lhe nascido o tão esperado filho homem, elas parecem ter sido menos valorizadas e desejadas do que a prole masculina. Tal fato pode estar diretamente

relacionado aos custos do dote,[...] assim como ao fato da filha mulher não herdar suas propriedades. (SILVA, 2011, p. 41)

Sendo assim, sua castidade e a geração de filhos legítimos tinha grande importância não só para o marido e o estado, mas também para seu pai. E caso uma mulher ousasse cometer adultério estaria cometendo, portanto, um crime; degradando sua casa e a esfera pública. O marido traído era obrigado legalmente a se divorciar, pois não podia colocar em dúvida sua descendência e o futuro de sua pátria com a introdução de um não cidadão nas assembleias políticas. Além disso, a esposa estaria a partir de agora impedida de ter outro casamento, migraria então para a categoria de escrava, concubina ou prostituta, ficando desterrada, e proibida de participar de atividades e manifestos religiosos, única esfera pública a qual a esposa tem direito em atuar. (SILVA, 2011, p. 41- 43) Segundo Berquó, (2014, p. 1993) se o marido contrariasse a lei que obrigava o divórcio, ele perderia o título de cidadão, e a mulher que insistisse em comparecer aos ritos religiosos estava fadada a sofrer agressões cometidas pela comunidade. Sobre os casos de adultério por parte das mulheres, Sue Blundell acrescenta que:

[...] embora as relações sexuais ilícitas das esposas provavelmente não tivessem sido freqüentes devido às poucas oportunidades que dispunham de encontrar homens fora de seu círculo familiar, “algumas personagens femininas de Aristófanes, (...), referem-se às relações amorosas extra maritais das mulheres como se elas fossem recorrentes.” O que nos deixa uma dúvida se na realidade o comportamento das esposas dos cidadãos era de uma castidade tão rígida quanto os costumes tentaram impor. (BLUNDELL *apud* SILVA 2011, p. 58)

Por outro lado, os homens casados estavam libertos das mesmas condenações ao ter relações extraconjugais, a eles não era autorizado obter outro casamento, porém, tinha permissão de ter relações sexuais extraconjugais com outras mulheres, como as hetairas, prostitutas, escravas e até rapazes. Entretanto se um marido tivesse relação sexual com outra esposa legítima ou outro membro da família, como a irmã, filha, mãe ou até uma viúva de um cidadão, o ato era considerado adultério, pois assim desonrava outro cidadão. Porém, se cometido o adultério, ao contrário da esposa, sua atitude não era considerada um crime, apesar de correr o risco de morte e esta ter aval legal perante o estado, se assim o marido traído desejasse fazer. Conforme Silva:

Um ateniense era, portanto, considerado adúltero unicamente quando houvesse tido relações sexuais “com a esposa, mãe, viúva, filha não casada, irmã ou com a concubina de outro Ateniense”, pois ao assim proceder ele lesava a outro cidadão. A punição do adúltero era indicativa da gravidade do ato. Qualquer cidadão que pegasse *in flagrante* outro homem tendo relações com uma mulher ateniense sobre sua tutela tinha o direito de matá-lo no local. Entretanto, parece que no Período

Clássico poucos homens se animaram a recorrer a uma medida tão extrema. O cidadão lesado apelava mais usualmente a uma compensação financeira ou aos tribunais. Alternativamente ele poderia ainda infligir o infrator a humilhação pública. (SILVA, 2011, p. 42)

Assim, pode-se constatar que, a esposa legítima não era digna de ser vista como uma vítima de traição do marido, caso esse deitasse com outras; pois, se possivelmente surgisse nelas, a partir dessas relações, sentimentos de ciúmes, tristeza ou raiva, deviam ser reprimidos e invalidados; por outro lado, o homem traído pela esposa tinha seus sentimentos validados, era tratado até mesmo como vítima de um crime. Outro aspecto interessante é que, o homem adúltero só obtinha tal título por ter ferido o ego e a honra de outro do mesmo gênero. Ou seja, o foco sempre era o homem, era ele o único indivíduo digno de ser levado em consideração, e a partir da análise de seus sentimentos e valores era determinado tais rótulos sociais e condenações.

Segundo Berquó, uma mulher não tinha autonomia legal para se divorciar, caso desejasse teria que se apoiar em algum homem da família para conseguir realizá-lo, e lhe dava má fama. Por outro lado, ele poderia ser realizado facilmente pela família dela contra sua vontade, a fim de arranjar um casamento financeiramente melhor para ela, como também ocorria por iniciativa do esposo em comum acordo. Efetuado o divórcio, o homem teria que devolver o dote ao guardião da mulher, corrigido com juros de 18% por ano. (BERQUÓ, 2014, p. 1990). Além disso, “[...] muitas mulheres de Atenas, em particular esposas de cidadãos viviam a condição de repudiadas por seus maridos, e eram igualmente “exiladas” da própria família, e, conseqüentemente, da polis.” (SPINELLI, 2017, p. 265) Quando não deixavam a *pólis*, acabavam migrando para a categoria da prostituição, como uma hetaira, se tivesse o padrão esperado para a categoria.

Relacionado à reclusão feminina da mulher-abelha, sabe-se que sua casa era seu ambiente destinado socialmente, logo, foi seu espaço de competência, e eram admiradas por tal costume. Por isso tinham suas habitações mais afastadas da movimentação humana com o intuito de não serem vistas por homens que não eram da família, localizadas em espaços mais distantes da rua, e de locais comuns de visita da casa. Para Silva, (2011, p. 50), as casas eram construídas com aposentos separados entre feminino e masculino, somente para elas não serem vista por homens que não faziam parte do núcleo familiar, mas não com a intenção de afasta-las da convivência com o marido, como alega Pomeroy. Contudo, apesar de conviverem juntos durante o dia, normalmente as mulheres dormiam em quartos separados de seus maridos.

Ela mostrava o oposto às demais categorias femininas atenienses, um exemplo de como todas as mulheres deveriam ser. Sua reclusão e distinção eram claras. Dentro

do próprio *Oikos*, observamos estas questões na própria separação de ambientes masculinos e femininos, o *Andron* e o *Gineceu* respectivamente. (MATA, 2009, p. 34)

Se o marido não estava ausente em alguma campanha militar, ou desfrutando da companhia de seus amigos em relações homossexuais ou divertindo-se com prostitutas, era mais provável, se já houvesse tido o número prescrito de filhos, que dormisse em um quarto distinto ou com alguma escrava, (...). (POMEROY *apud* SILVA, 2011, p. 48)

Para Pomeroy citada por Silva (2011, p. 50), as mulheres foram isoladas também da companhia de outras desde muito cedo, com exceção de sua mãe, irmãs e escravas. Contudo, na prática não é concreto dizer que em seu cotidiano foram impedidas de conviver com outras mulheres além de suas escravas e familiar. Bem como afirma Sue Blundell e Silva, a respeito da convivência com o mesmo sexo, principalmente as de família menos abastadas:

teriam tido seu próprio círculo de amigas e vizinhas, parte de uma esfera autônoma das relações femininas que existia em paralelo com a rede social masculina. As mulheres ajudavam-se uma as outras quando estavam em trabalho de parto, e poderiam dar um pulo na casa de uma vizinha para emprestar um pouco de sal, um punhado de cevada, ou um maço de ervas.¹⁵² (BLUNDELL *apud* SILVA, 2011, p. 61)

Além destas imagens de colheitas de frutos, a documentação imagética também nos fornece cenas de idas à fonte, local público-cívico por excelência no qual a esposa teria oportunidade de estabelecer relações com outras mulheres que poderiam não fazer parte de sua vizinhança, alargando assim sua esfera de relações sociais a um nível mais amplo. (SILVA, 2011, p. 63)

Sendo assim, as esposas estavam inseridas em círculos de amizades, e, muito além, pois obtinham como consequência desses vínculos, uma estratégia informal de participação cívica, visto que nos grupos de colheitas, fiação, idas à fonte e demais tarefas, elas debatiam e compartilhavam informações que fugiam das conjunturas do modelo méliissa, como assuntos relacionados à *pólis*, as ações dos cidadãos, o comportamento de outras esposas, etc., que poderiam alcançar suas casas, ou seja, as casas dos cidadãos, e possivelmente afetar a vida destes, através das informações que elas lhes transmitiam. Tendo assim lugar de fala na esfera pública mesmo que de maneira informal. Como relata Silva, ao explanar o livro *O Feminino em Atenas* do historiador Fábio de Souza Lessa:

O autor demonstra que [...] estas esposas através de *táticas* conseguiram fugir ao enclausuramento do gineceu e sua esfera de atuação, da qual a fala estava excluída. As esposas constituíram lugares de fala que se formaram tanto no interior do *oikos* quanto no espaço público. Uma das formas de constituírem este espaço era o seu engajamento nos grupos de atividades manuais e de amizade: como grupos de colheita de frutas, tecelagem e fiação. Ao se reunirem seja para o desempenho de atividades domésticas ou para o descanso, as mulheres travavam diálogos entre si que poderiam exceder as questões relativas ao seu cotidiano e abranger os assuntos concernentes a *pólis*. As redes sociais informais estabelecidas pelas esposas atuavam

assim como meios de acesso e transmissão de informações que “poderiam elevar indivíduos e famílias à esfera da honra ou da vergonha.” Outros espaços de fala feminina e de estabelecimento de redes sociais informais eram as atividades religiosas, como os funerais e as festas cívicas. (SILVA, 2011, p. 64)

Além desses meios informais constituídos entre o próprio gênero feminino, existia também outro meio de participação cívica indireta, que aconteceria dentro do próprio *oikos*, na relação entre as mulheres e seus maridos. Provavelmente, as esposas ao conversarem com eles, poderiam de maneiras estratégicas influenciar suas decisões sobre questões públicas, de forma sutil e indireta. Conforme a fala de Blundell: “Uma esposa poderia também estar hábil para falar livremente com seu esposo e poderia usar isto como uma estratégia para alcançar seus intentos.” (BLUNDELL *apud* SILVA, 2011, p. 59-60) O que também é acreditado por Lessa:

Lessa menciona também os diálogos entre as esposas e seus maridos como um meio de participação indireta das mulheres nos assuntos públicos por meio da influência que poderiam exercer na tomada de decisões de seus esposos. Deste modo, o autor demonstra ao longo de sua exposição “como os segmentos femininos, comumente silenciados pela cultura masculina, atuaram pública e civicamente na *pólis*.” 163 (SILVA, 2011, p. 64)

1.2 Metecas (Estrangeiras)

Metecas era a denominação dada às mulheres estrangeiras domiciliadas em Atenas, e conforme Berquó (2014, p. 2000), assim como as demais mulheres, não possuíam cidadania, nem permissão para participar da política da *pólis*, entretanto, estavam inseridas em alguns eventos religiosos da *pólis*, incluindo as principais festividades cívicas, apesar de nunca estarem em lugares de destaque, participavam também da plateia nas peças teatrais. E bem como outras categorias, elas não tinham autonomia e precisavam ser representadas por algum homem perante o tribunal quando precisava resolver assuntos legais, ademais, pagavam impostos por sua estadia, como aborda Berquó (2014, p. 1998): “[...] tinham de ser representadas por um cidadão nos assuntos públicos (prostatês), além de pagar uma taxa de residência (metiokion). Logo, elas trabalhavam fora para se sustentar, normalmente em oficinas ou como cortesãs.”

Assim, era comum ver mulheres estrangeiras na condição de cortesã, por ter uma educação diferente das mulheres gregas, portanto, tinham mais abrangência de conhecimento, seja ele cultural, filosófico, social, ou político, ou seja, possuíam as qualidades necessárias para a categoria, sendo sábias e habilidosas. Por outro lado, as metecas que não possuem essas capacidades tinham ainda a alternativa de se tornar uma *pornai*, (uma categoria de

prostituta mais decadente), além de trabalhar nos mercados da cidade ou nas casas dos cidadãos.

Outro aspecto importante sobre as metecas é a sua inferioridade e a limitação civil quando comparada às melissas, pois como menciona Berquó, (2014, p. 1999) "[...] embora integradas à vida cotidiana da cidade, as estrangeiras eram consideradas sempre como não pertencentes à comunidade da polis.". Assim, pode-se deduzir que a exclusão social e civil existia para com elas em alguns aspectos na *pólis* em que viviam; muito provavelmente sentiam-se deslocadas e rebaixadas. Nesse sentido, o casamento com os cidadãos de Atenas era proibido para elas, tendo severas punições ao casal que contrariasse as leis, podendo, inclusive, a estrangeira ser vendida como escrava; conforme salienta Berquó:

As leis de Atenas puniam severamente tal crime, pois a estrangeira poderia ser vendida como escrava e ter seus bens confiscados, já o cidadão que com ela simulasse o casamento teria de pagar uma multa:

§16. (...) Lei

Se por acaso um estrangeiro casar com uma cidadã, por qualquer que seja o artifício ou trama, aquele que desejar, entre os Atenienses, e para os quais isso é permitido, que intente uma ação pública perante os *tesmótetas*. Mas, se por acaso ele for condenado, que sejam vendidos ele mesmo e os seus bens, e um terço dos mesmos seja do acusador. Seja assim também se uma estrangeira casar com um cidadão, também o marido da estrangeira, que tenha sido condenada, tenha uma multa de mil dracmas. (...) (grifei) (BERQUÓ, 2014, p. 1999)

Sendo assim, as relações permitidas para estrangeiras era o concubinato e seus filhos não teriam os mesmos direitos que os filhos legítimos. Logo, percebe-se que a vida das metecas possuía mais restrições do que a das mulheres ateniense comuns, principalmente no que diz respeito ao matrimônio, a construção da família, e a geração de filhos. Havia certo distanciamento entre elas e os cidadãos devido o temor delas sobre o poder autoritário, e pela exclusão já evidente. Por outro lado, a mulher estrangeira tinha a liberdade de circulação que a categoria das esposas legítimas não tinha, bem como a maior liberdade sexual e de interação social com as pessoas de cidadania inativas.

Os metecos, e isto incluem principalmente os homens, eram aceitos em Atenas e partilhavam os mesmos lugares que os demais atenienses, exceto com algumas restrições, uma delas é que não tinham permissão de participar das assembleias políticas junto aos cidadãos, visto que não possuía cidadania. Porém, eram incluídos e representados nas manifestações religiosas cívicas que aconteciam em Atenas.

A integração entre metecos e cidadãos no nível social, religioso e cultural fora uma constante na história da *pólis* [...] A representação de metecos no friso das Panateneias, no Partenon, é prova disto, vivenciando a receptividade deles ao nível máximo. E é óbvio, afirmemos, devido à grande necessidade que se tem dos metecos no aspecto econômico. (QUARANTA, 2014, p. 9)

Desse modo, era comum ter bastantes estrangeiros nas *pólis* gregas, pois sua presença e seu trabalho eram importantes para a economia do lugar. Segundo Quaranta, muitos estrangeiros eram comerciantes, e possuíam um status social variável, poderiam eles ser ricos ou muitos pobres. (QUARANTA, 2014, p. 8)

1.3 Concubinas

Outra categoria feminina era a das concubinas, que viviam uma relação amorosa com um homem mais abastado, o qual já possuía casamento legítimo com uma *Mélessai*, assim, a concubina era sua segunda esposa, e bem como a primeira, devia legalmente fidelidade a ele, porém diferente da legítima, não viviam sob o mesmo teto. Como afirma Eva Cantarella “[...] devido à regulamentação jurídica na qual ela também possuía o dever de fidelidade ao homem, seus filhos tinham direitos sucessórios, porém, subordinados aos filhos legítimos da esposa.” (CANTARELLA, 1996: 78-80 *apud* MATA, 2009, p. 37). Ou seja, eram mulheres que por não ter autonomia e independência financeira e civil se submetiam a ser uma segunda opção na vida do homem, e proporcionar a este cidadão uma segunda família em que ele teria com essa apenas obrigações secundárias em relação à *Mélissa*, e junto com ela nessa situação de conformismo, seus filhos também não possuíam cidadania, e na condição de bastardo eles possuíam menos direitos que seus meio irmãos. Além disso, elas se viam numa situação de subordinação amorosa e de valorização, pois somente quando as esposas estavam indispostas elas as substituíam no leito do homem, e nem ao menos podiam compor as *Tesmofórias*, por não serem esposas legítimas.

Seu papel tinha como principal finalidade relações sexuais estáveis e a procriação, o que era natural e apoiado pelo Estado, particularmente se a esposa legítima fosse estéril ou gerasse apenas meninas. Em geral, eram ainda mulheres que substituíam a esposa legítima no leito do marido, quando esta estivesse doente, indisposta, grávida ou acabado de dar a luz. (VRISSIMTZIS, 2002: 63 *apud* MATA, 2009, p. 37)

Sendo assim, o maior benefício que a mulher poderia tirar dessa união era a estabilidade adquirida pela proteção do marido, pois ele virava seu tutor e ela se encontrava protegida financeiramente e representada juridicamente por ele, além de ter um parceiro estável. Na maioria dos casos essas mulheres não tinham condições financeiras para arcar com o dote para formalizar um casamento, por isso vivia dessa forma; como expõe Berquó:

A concubina vivia regularmente com um homem, sem a celebração dos ritos do casamento. Considera-se que, em geral, as mulheres ficavam nessa situação quando as suas famílias não conseguiam pagar um dote, o que inviabilizava o casamento. Tratava-se, portanto, de uma forma de obter proteção masculina fora do oikos

paterno, na ausência de perspectivas de uma união formal. Isso porque o companheiro passava a ser o guardião. Acredita-se que elas poderiam ser escravas ou estrangeiras ou até mesmo atenienses livres (BLUNDELL, 1995 *apud* BERQUÓ, 2014, p. 1997)

1.4 Hetairas

Mais uma classificação para as mulheres de Atenas era de Hetairas. Essas mulheres eram cortesãs, eram livres, belíssimas, educadas que se envolvia com governantes ricos e tinham diversas habilidades como dança, canto, além de ter diálogos no mesmo nível intelectual que os cidadãos, pois muitas delas eram estrangeiras e tinham um conhecimento mais abrangente que as mulheres atenienses, além do mais algumas foram educadas desde a infância para exercer com excelência esta função. Ademais “[...] justamente por estarem presentes nas reuniões masculinas, as heteras tinham “contato com políticos, filósofos, homens de negócios, artistas e intelectuais de Atenas”, o que “enriquecia a sua formação humana, cultural e social”.“ (CURADO *apud* BERQUÓ, 2014, p. 2000-2001)

As cortesãs também costumavam ser admiradas pelos homens por sua performance sexual, e cobravam um preço elevado por seu trabalho sexual e intelectual. Tinham condições de vida luxuosas e por ser independente financeiramente poderia até escolher seus parceiros. Devido a sua boa capacidade de diálogo e perspicácia, frequentavam, como acompanhante dos homens, espaços que as demais não podiam, logo, estavam em diversas e importantes ocasiões, e poderiam até se tornar concubina deles. Conforme Santos: “As hetairas, acompanhadas geralmente de cidadãos, entretiam festividades e celebrações, junto de músicos, e circulavam pela cidade participando de banquetes públicos, e em encontros e festividades privadas, as symposia [...]“ (SANTOS, 2014, p. 100)

Para as esposas que eram repudiadas por seu marido e por consequência também de sua família por vergonha ou por não receber seu dote de volta, ser cortesã era a melhor alternativa; como Afirma Spinelli: “Sem amparo e sem saída, ser cortesã era a derradeira possibilidade que restava, uma vez repudiada, a uma ilustre mulher de Atenas de sobreviver com dignidade.” (SPINELLI, 2017, p. 266)

1.5 Pornai

Compondo outra categoria feminina, as Pornai ou Porne eram mulheres que prostituíam seus corpos para sobreviver, mas ao contrário das hetairas não tinham boas

condições financeiras, nem tão pouco, as mesmas habilidades intelectuais. Eram também mais discriminadas socialmente, geralmente buscavam clientes nas ruas, e realizavam seus trabalhos em diferentes locais, principalmente em bordeis. Conforme Mata (2009, p. 38), a mulher dessa categoria geralmente era escrava, ou ex-escrava que teria sido libertada por algum cliente frequente que se agradou de seus serviços. Outra possibilidade era serem filhas de prostitutas ou de ex-prostitutas que repassavam para estas os ensinamentos de sua profissão. Entretanto segundo Berquó, também poderia ser uma *Melissai* repudiada e sem proteção masculina, porém a maioria das *pornai* se tratava de estrangeiras:

As *pornai* eram as prostitutas comuns, livres ou escravas, que podiam trabalhar na rua ou em bordeis. A prostituição era regulamentada em Atenas, sendo reconhecida como profissão, mesmo que com má reputação. Geralmente, não eram cidadãs, sendo uma ocupação usualmente exercida por estrangeiras. Porém, cidadãs que ficavam sem parentes ou sem guardião poderiam ter de recorrer à prostituição para se manter (CURADO *apud* BERQUÓ, 2014, p. 2001)

1.6 Escravas

Por fim, estavam as escravas, inferior a todas as outras categorias femininas da Grécia antiga, elas não possuíam autonomia financeira e civil; e para reduzir ainda mais sua dignidade, conforme Mata (2009, p. 39), muitas escravas tinham até mesmo seus nomes alterados pelos homens que obtinham sua posse. As escravas geralmente eram crianças que haviam sido abandonadas na infância, ou filhas de pais escravos, ou prisioneiras de guerras. De acordo com Pomeroy: “[...] estavam sempre a disposição de seus senhores e amigos para finalidades sexuais” (POMEROY, 1987: 109 *apud* Mata (2009, p. 39). Elas costumava em alguns casos, no momento de dormir, dividir os aposentos com as esposas legítimas das casas em que trabalhavam, principalmente quando está já havia dado filhos homens o suficiente ao seu marido. (POMEROY *apud* SILVA, 2011, p. 48) E dependendo da quantidade de dinheiro arrecadado por ela ao longo de sua vida, poderia comprar sua própria liberdade.

Elas podiam ser prisioneiras de guerra ou moças que foram raptadas ou até mesmo vendidas por suas famílias devido à pobreza. Seu destino era principalmente o trabalho doméstico, mas elas também poderiam trabalhar em oficinas ou em bordeis. Com o tempo, poderiam comprar a sua liberdade. (MASSEY, 1988 *apud* BERQUÓ, 2014, p. 2001-2002)

Desse modo, compreende-se que no período clássico em Atenas, as mulheres tinham uma vida completamente paralela a dos homens, com limitações e imposições sociais insensatas, tolerando de homens atitudes absurdamente repulsivas e de impotência, principalmente para as *mélessai* e as escravas que estavam, de certa forma, presas a um

homem dominante. O nível econômico, bem como o social, eram os fatores determinantes da conduta e da atuação da mulher grega, muito embora elas realizassem algumas tarefas em comum, independente da categoria que estava integrada, como os serviços domésticos e os cuidados familiares. Quanto às esposas legítimas e sua exclusão da esfera pública, percebe-se que não ocorreu totalmente, pois além das manifestações religiosas, participaram também de redes sociais informais ao debaterem entre si, nos momentos de afazeres, assuntos que não lhes diziam respeito segundo as virtudes prescritas ao ideal feminino. Participaram, ainda que de forma indireta e estratégica, das questões da *pólis* ao dialogarem com seus maridos no ambiente doméstico. Sobre o ideal de reclusão rígida, é importante dizer que apesar da sociedade ateniense idealizar e impor a essa categoria o cumprimento do modelo melissa, é improvável que elas realmente viveram reclusas. Como reforça Berquó:

[...] havia diferentes graus de liberdade de circulação feminina na *pólis*, referentes aos estatutos sociais supracitados. Salienta-se que em nenhum deles ocorria a reclusão doméstica total. Isso porque as mulheres agiam rotineiramente no espaço público, ao executar tarefas domésticas externas (coleta de água na fonte e de frutos), em serviços e festivais religiosos, trabalhando (cidadãs de classes baixas, estrangeiras, escravas) ou ao desfrutar da ampla circulação inerente às funções das *hetaírai*. (BERQUÓ, 2013 *apud* BERQUÓ, 2015, p. 12)

Contudo, há a possibilidade de apenas as mulheres de famílias mais abastadas (as bem-nascidas) terem vivenciado essa reclusão em sua totalidade, como meio de enaltecer sua feminilidade e a masculinidade de seu marido, bem como exaltar o status social e a condição financeira de ambos. Portanto, ao fazer uma análise de modo geral, a maior parte do discurso frequentemente citado nos textos historiográficos, que colocam a mulher como completamente submissa aparenta ser equivocado, machista e diferente do que certamente aconteceu na prática.

2. A TRAGÉDIA GREGA E AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS

A tragédia grega surgiu em Atenas durante os cultos ao deus Dionísio, por volta do final do século VI a.C. e percorreu até o século V a.C.. Diante desse período histórico, ela manifesta a mentalidade da sociedade dessa época; que é constituída de valores, maneiras de pensar e métodos de representações bem específicos. Como exemplo disso tem-se o fato de que os próprios cidadãos (que são um determinado grupo de homens atenienses que constituíam o poder político sobre a *pólis*) selecionavam os temas a ser encenados nas peças trágicas, e que as mulheres reais de Atenas não podiam atuar no palco, o que tinha na verdade

era homens fazendo a representação delas. No entanto, as tragédias buscavam também refletir sobre a condição humana, e faziam uma análise das relações entre eles e os deuses.

A tragédia grega é uma forma de expressão cultural do século V a.C, especificamente, e está associada a *pólis*1 ateniense e, mais do que isso, ao surgimento de uma convivência política. Foi através do culto ao deus Dioniso que nasceu a tragédia no final do século VI a.C2. Os próprios cidadãos votavam nos temas que mais os interessavam e esses possuíam o direito de ser encenados. Essas encenações eram financiadas pelos cidadãos mais ricos da pólis [...] (SILVA; GONÇALVES, 2016, p. 19)

Esse interesse e investimento tinham fins "pedagógicos". A intenção desejada com as encenações era gerar entre cidadãos o debate e o questionamento acerca dos conflitos existentes na *pólis*, visando manter entre eles uma relação igualitária de participação no poder e na tomada de decisões sobre Atenas, além de analisar e projetar a evolução político-social da *pólis*. Sendo assim, a reflexão e o debate eram práticas essenciais a serem exercidas para alcançar esse objetivo. Os problemas eram discutidos através dos mitos, logo, o mito que todos já conheciam passava a ser retratado no palco, porém, sob o olhar mais esclarecido de tragediógrafos, contendo algumas alterações no enredo, adaptados para um contexto mais atual na tentativa relacionar com os conflitos do presente. O mito então constituía a base dessa aprendizagem, que possivelmente causaria uma transformação no funcionamento de determinados aspectos sociais. Por isso, assistir as encenações teatrais era um ato cívico importante para educação do cidadão.

[...] os espectadores, na sua grande maioria homens, e aí, está, portanto formado um círculo onde o autor da peça teatral [...] tem uma intenção, uma finalidade pedagógica. Pois, não se pode esquecer que a audiência das tragédias já conhecia os mitos que seriam encenados, já tinham conhecimento prévio da história. Portanto, quando o autor modificava o mito, dando-lhe uma nova versão e perspectiva ele estava convidando o seu público a uma nova reflexão. (SILVA; GONÇALVES, 2016, p. 23)

O objetivo dessa reflexão era causar nessa sociedade, um entendimento mais nítido acerca da realidade que viviam e tomar as decisões necessárias para um bom funcionamento da cidade-estado. Isso não significa que as peças trágicas estavam comprometidas a narrar os acontecimentos da sociedade ateniense, mas a refletir sobre situações reais, as angústias e os problemas possíveis de acontecer. Entre as tensões cotidianas abordadas nas tragédias estavam assuntos referentes aos valores da sociedade, o ideal de comportamento feminino, as práticas políticas dos cidadãos e outras preocupações que atormentavam a mente desse grupo.

Tal discurso - por intermédio da recorrência ao mito - colocava em cena o cotidiano, as angústias e os valores da Atenas democrática com o intuito de levar a sociedade *políade* a refletir sobre sua realidade. Logo, o herói trágico servia tanto de antítese como de metáfora do cidadão democrático. Ambos passam pela angústia de ter que

tomar decisões. Porém, ao contrário do herói a tomada de decisões da comunidade ateniense não são práticas individuais (tirânicas), mas sim práticas democráticas coletivas. (SILVA, 2011, p. 25)

Nesse sentido, é importante compreender uma pequena parte do funcionamento da tragédia. Está possui dois elementos relevantes: os heróis, integrados à tradição do mito, que é a base cultural essencial da tragédia; e o coro que representa a sociedade atual trazendo uma mentalidade mais realista para a peça. O coro tem função de uma voz coletiva da sociedade e chama a atenção para os problemas existentes no discurso dos heróis. Assim, a encenação funciona da seguinte forma:

No palco trágico desenrola-se uma trama que exprime uma tensão permanente entre o mito e a realidade do século V. De um lado os personagens principais, os heróis de um outro tempo, representantes de um passado mítico e, de outro, o coro, representante dos valores da cidade, como uma consciência coletiva. Os dois, estabelecem na cena trágica uma dualidade que levanta questões ao público. Tanto um, quanto o outro, são ambíguos nas suas falas denotando uma contradição permanente, típico de uma comunidade em transformação, em que os humanos possuem uma autonomia relativa em relação ao sagrado. [...] O herói através de sua fala exprime uma realidade anterior ao mundo da cidade e o coro tem como função a permanente análise e avaliação dessa fala sob o ponto de vista do presente. (SILVA; GONÇALVES, 2016, p. 23)

Entretanto, a aprendizagem cívica fornecida por essas peças não pode ser vista como absolutamente justa e adequada para a sociedade, pois a elaboração desse processo educativo era realizada apenas por homens, (tragediógrafos, atores e maior parte do público) e eles transmitiam os ensinamentos que consideravam corretos diante de uma perspectiva masculina, e por que não machista? Nesse sentido, questões relativas ao gênero feminino eram comumente abordadas, visto que era um tema que gerava preocupação a esse grupo. E como se sabe "[...] Atenas clássica [...] mantinha as mulheres em sujeição estrita. Mas os atenienses não eram avessos a conflitos, e é notável que a tragédia ateniense tenha feito do(s) papel (is) das mulheres uma fonte de conflito trágico." (ROSENFELD, 2014, p. 211) Assim, eles utilizavam a tragédia para avaliar a sociedade e o feminino, mas principalmente, para finalidades estratégicas de perpetuação do patriarcado, ou seja, como uma ferramenta capaz de influenciar a sociedade a manter as mulheres como seres inferiores, e vê-las como incapazes de conter suas emoções e de tratar com raciocínio as situações; tudo isso para se manterem no poder. Assim, aproveitaram o discurso trágico para ditar como a sociedade e a conduta feminina deveria ser. Nas palavras de Silva (2011, p. 68): "[...] o teatro serve como um meio de divulgar idéias e mentalidades, ou seja, como um veículo de transmissão do ideal cultural de uma sociedade."

Atenas encena no palco crimes e transgressões contra o que sua sociedade entendia como cidadania e isonomia, com a finalidade de reproduzir um universo androcêntrico. As tragédias mostram isso na medida em que eram escritas, encenas e assistidas por homens. (SILVA ; GONÇALVES, 2016, p. 24)

Desse modo, a manipulação era feita por meio das muitas personagens femininas, como as heroínas, que eram colocadas na tragédia como transgressoras ao ideal feminino, e com atitudes que causavam uma devastadora agressão às normas sociais do século V a. C., e as leis divinas. Normalmente via-se em cena mulheres governando, discursando em público, traindo seus maridos, desafiando decretos, e até mesmo mulheres matando seus familiares.

Porém, antes de chegar nesses extremos elas eram revestidas de inteligência, capacidade retórica e virilidade, o que a primeira vista causa uma afeição por elas, mas logo depois do surgimento da transgressão, gera-se a impressão de que mulheres enganam e tentam parecer racionais, mas que no fim das contas é desmascarada sua verdadeira personalidade, de um ser frágil, emocional e irracional. Assim, o coro na função de consciência coletiva social que analisa as problemáticas dos heróis "[...] mostra como um cidadão do século V vê a mulher e, a tragédia, ao colocá-la como transgressora de uma ordem estabelecida pela cidade, ensina através do excesso." (SILVA; GONÇALVES, 2016, p. 24) Ensina esse que reafirma, de maneira indireta, a perpetuação da ideia masculina de que mulheres não podem exercer cargos públicos, se incorporar a vida política, e nem ter maior liberdade e direitos, devido o seu caráter irracional, instável e perigoso para a sociedade.

Conforme afirma Rosenfield (2014) "[...] as grandes tragédias atenienses [...] retratam a sujeição em enredos mais complexos e elaborados. Muitas não deixam de confirmar as suspeitas masculinas que farejam em toda parte a irracionalidade e as perversões da natureza feminina." (ROSENFELD, 2014, p. 192) Logo "[...] o teatro era o espaço onde os valores políades eram discutidos, reafirmados e transmitidos. E ele os reafirmava e fortalecia por meio do estranhamento que essas situações provocavam no espectador." (SILVA, 2011, p. 68).

Portanto, pode ser compreendido finalmente o motivo do aparecimento frequente das transgressões das personagens femininas; elas representavam na verdade, um exemplo de modelo feminino que não deve ser seguido pelas mulheres reais de Atenas. Com pode ser comprovado através da fala de Silva e Gonçalves (2016): "Uma mulher quando mata seu marido está impondo um sentimento de horror na plateia masculina e ensinando através do excesso, mostrando o que pode acontecer quando as mulheres saem de sua natureza que é ser filha, esposa e mãe." (SILVA; GONÇALVES, 2016, p. 24)

A mulher ao ser representada em cena tem assim como uma de suas funções, o papel de reforçar a identidade masculina, pois ao ser o 'outro' radical sua imagem reflete o contrário do que o cidadão deveria ser. Deste modo, as suas transgressões e as constantes inversões de papéis que se dão nas representações teatrais podem ser pensadas como uma forma de reforçar a diferença sexual. (SILVA, 2011, p. 32)

Contudo, a tragédia também fornecia a chance de analisar as falhas masculinas das práticas políticas idealizadas e aplicadas na sociedade em diversos segmentos, as quais os homens preferiam abordar através de personagens femininas. Como afirma Helene Foley sobre a função do feminino: “estão fazendo um duplo papel nessas peças, representando uma posição feminina ficcional na família e na cidade trágicas e simultaneamente servindo com um local a partir do qual se explora uma série de temas problemáticos que os homens preferem abordar indiretamente e certamente não por meio de suas próprias pessoas” (FOLEY, 2001, p. 4 *apud* BERQUÓ, 2015, p. 19).

Nesse caso, a representação das personagens feminina tinha a função de ensinar que os “[...] cidadãos devem aprender a evitar os extremos da vontade própria, que os heróis, por sua conta, exibiam.” (Rosenfield, 2014, p. 196) Sendo assim, uma oportunidade para discutir e reavaliar suas práticas fazendo uso de “[...] personagens de mulheres fortes para apontar os problemas de certos ideais políticos, que são o verdadeiro centro da sociedade Ateniese da época.” (ROSENFELD, 2014, p. 192-193) Ou seja, representavam uma ferramenta de autoanálise das atitudes dos cidadãos. Ademais, era abordado especialmente o comportamento das mulheres bem-nascidas, que no decorrer da peça acabavam tornando-se transgressoras ao modelo Mélixa, e mais além, com ações bastante agressivas. Isso demonstra o quanto essa categoria feminina era preocupante, pois sabiam da importância delas para a perpetuação dos futuros democratas da *pólis* ao conceber filhos legítimos; como sugere Silva: “a ação das personagens femininas no teatro pode assim ser encarada [...] também como uma demonstração do temor que a ameaça do poder das mulheres causava.” (SILVA, 2011, p. 32) Além disso, essa preferência por exibir as bem-nascidas pode ser vista como um indicativo de que as mulheres desse período não seguiam a risca as normas prescritas pelo ideal de comportamento feminino e estavam ali encenadas justamente para que se discutissem as falhas desse ideal criado pelo pensamento masculino.

De acordo com Zeitlin (2002) e Castro (2011a e 2011b) citadas por Berquó (2015), as personagens femininas eram uma espécie de recurso dramático utilizadas como instrumento de debate acerca das atitudes dos homens, tentando evidenciar problemas de ordem masculina, mas, muito além disso, elas estavam ali colocadas com a função de punir os

erros dos homens, atuando como catalizadoras ou mediadoras da punição divina, a fim de castigar o homem por um erro grave que cometeu.

Segundo Zeitlin, muito embora as “personagens femininas possam ocupar o centro do palco e deixar uma marca muito mais indelével nos seus espectadores que suas contrapartes masculinas (...) funcionalmente as mulheres nunca são um fim em si mesmas, (...) atuam como catalistas, (...) instrumentos (...)” (2002, p. 107-108, grifo no original). Da mesma forma, Suzana de Castro alega que “elas servem em quase todos os dramas como mediadoras da punição divina a uma falta grave do homem. Atuam na trama sob o efeito externo da força divina, o daimon, que as utilizam para aniquilarem o caráter, o ethos, do herói.” (2011b, online *apud* BERQUÓ, 2015, p. 19)

Além disso, para Geraldo (2018), essas personagens faziam uma espécie de referencia a Dionísio, o deus do teatro e das mulheres, que tinha uma personalidade considerada ambígua, e era apto a realizar modificações entre as categorias sociais, causando uma realidade reversa, uma desordem às categorias convencionais, pois ele era o “responsável pela inversão e subversão das categorias sociais e culturais que eram rigidamente separadas [...]” (FOLEY, 1980, p. 107 *apud* GERALDO, 2018, p. 130).

Dioniso, portanto, era um deus de natureza ambígua e contraditória que representava o permanente potencial para a reversão da ordem cotidiana – aquilo que a tragédia justamente retratava em seus dramas, principalmente pela atuação das personagens femininas. Talvez seja justamente neste aspecto anacrônico³ e transgressivo que resida a essência dionisiaca da tragédia. (GERALDO, 2018, p.130)

Com base nas palavras de Just 1994, citado por Geraldo 2018:

[...] a essência de Dioniso reside necessariamente no relaxamento do autocontrole e na entrega àquelas forças místicas que residem além do “eu” racional. Logo, as mulheres, sob o efeito do deus, nos mitos dionisíacos (e até mesmo nas tragédias), não só derrubam a ordem da cidade como também destroem sua estrutura. (GERALDO, 2018, p. 142)

Sendo assim, diante desse ponto de vista, as mulheres representavam a preservação da essência de Dionísio e da tragédia, através da alusão que faziam ao deus, como forma de homenagem. Então, influenciadas por ele, elas se mostravam conflituosas com as ideologias, questionavam sua integração social, o estatuto feminino, e contrariavam os limites impostos a sua categoria.

Diante disso, a finalidade da tragédia era analisar os problemas reais e futuros, visando uma igualdade de poder para os cidadãos e um bom funcionamento da *pólis* em diversos segmentos, mas claro, na perspectiva masculina. Para isso acontecer era preciso perpetuar a ideia de que o patriarcado era relevante para *pólis*, por isso “queimavam” a imagem das

mulheres no palco, para elas nunca estarem no poder. Ademais, têm-se diversas interpretações sobre a representação feminina nas tragédias gregas, porém, o que é constante nessas representações são as atitudes transgressoras das mulheres, especialmente das heroínas colocadas, em sua maioria, como bem nascidas e revoltadas com a ordem machista da *pólis* e com a sua posição. Sua função representativa na peça variava, poderia está servindo de autoanálise para os cidadãos repensarem suas práticas sobre as decisões do funcionamento político-social de Atenas, práticas essas que poderiam levá-los a punição divina se mal tomadas, sofrendo as consequências punitivas pelas mãos femininas. Elas poderiam também está encenadas a fim de reafirmar sua inferioridade mental e emocional, e a relevância do controle masculino. Por fim, podem também ser compreendidas como preservação da essência de Dionísio.

3. MEDEIA E A PRODUÇÃO TRÁGICA DE EURÍPIDES

3.1 O mito de Medeia

O mito de Medeia tem seu início atrelado à saga dos argonautas. De acordo com Kury, (1991, p. 4), Jasão era herdeiro legítimo do reino de Iolco, que foi deixada sob o comando de seu tio Pélias, a pedido do verdadeiro rei e primo, Áison, pai de Jasão, enquanto ele se encarregava de preparar o filho para tomar posse do trono. Chegada a hora de Jasão reinar, Pélias por sua vez se negou a passar o trono, porém, algum tempo depois Jasão retornou a seu encontro exigindo o trono, mas dessa vez acompanhado de aliados que havia feito na cidade de Iolco. Pélias, temendo a popularidade e determinação de Jasão, fez uma proposta na tentativa de se desviar das ameaças, pediu que Jasão fosse até a Cólquida e trouxesse o velocino de Ouro, que estava com o rei de lá, Aietes, pai de Medeia, o qual havia tratado de forma cruel e desumana um parente de ambos e o matado para se apossar desse velocino, e que ao retornar vitorioso lhe daria o trono. Jasão aceitou a proposta e realizou a viagem no navio de Árgos, que ele mesmo construiu, e levou junto com ele, outros heróis fortes que o ajudariam nessa missão, os argonautas. Porém, ao chegar lá, Jasão se deparou com problemas ainda maiores, pois o rei Aietes, só lhe daria o toso de ouro se este conseguisse realizar algumas tarefas perigosíssimas que seriam impossíveis de realizar sem a ajuda de Medeia.

[...] Aietes, que segundo a lenda era filho do Sol, prometeu entregar o toso de ouro a Jáson se ele fosse capaz de realizar num mesmo dia quatro proezas consideradas impossíveis: 1ª, domar um touro de cascos e chifres de bronze, que soprava chamas

pela boca e pelas narinas; 2ª, arar com esse touro um campo consagrado ao deus da guerra (Ares); 3ª, semear naquele campo os dentes de uma serpente monstruosa de cujo corpo saíam guerreiros armados, prontos a exterminar quem tentasse arar o campo sagrado; e 4ª, matar um dragão ferocíssimo, que montava guarda noite e dia ao pé da árvore em cujos galhos estava pendente o tosão de ouro. (KURY, 1991, p. 5)

Todas essas tarefas não passavam de pretexto para a morte de Jasão. Porém, o rei não suspeitava que sua filha Medeia, neta do sol e poderosa feiticeira havia se apaixonado por Jasão, e prometeu ajudá-lo a vencer todas as missões, com a condição que eles se casem e que ele fosse fiel eternamente a ela. Obtendo de Jasão o firmamento do acordo, Medeia age imediatamente, entrega-lhe as ervas mágica e executa os feitiços necessários para que seu amado atinja o sucesso.

Medeia deu a Jasão uma garrafinha com um suco de ervas mágicas, o qual, depois de despejado sobre seu corpo, torná-lo-ia invulnerável. Deu-lhe também uma pedra para lançar no meio dos gigantes monstruosos que nasceriam dos dentes do dragão; assim, Jasão poderia matar os poucos que sobrariam, pois os demais brigariam pela pedra. A seguir, ela fez adormecer o dragão com seus encantamentos, e, então, Jasão o matou. Cumpridas todas as tarefas, preparam-se para a partida. (LOPES, 2008, p. 3)

Porém, Aietes planejava incendiar o navio dos argonautas para matar Jasão. Quando Medeia descobre as intenções do pai, de imediato avisa Jasão e ambos fogem. Em seguida, Aietes ordena uma busca pelo velo de ouro e por sua filha, e envia seu filho Apsirto também nessa perseguição. Medeia mata, esquarteja o corpo do irmão e joga os pedaços ao mar a fim de atrasar o seu pai que teria que recolher os pedaços para dar a ele um funeral digno; e como planejado, o rei acaba desistindo da busca. Ao chegarem à corte de Alcínio, Arete, esposa do rei, informa-lhes que Aietes ordenou que Medeia deveria ser enviada de volta a Cólquida, e que o seu marido Alcínio cumpriria o pedido dele, exceto se Medeia já tivesse perdido a virgindade. Diante disso, Jasão de prontidão decidiu casar-se com a feiticeira. A cerimônia aconteceu no templo de Hecate e como combinado ele promete fidelidade eterna. Após isso, eles se encaminham para Iolco, e entregam o velo de ouro para Pélias, mas para sua surpresa o tio de Jasão não cumpre a promessa de lhe devolver o trono. Contudo, persuadida por Jasão, Medeia realiza o assassinato de Pélias através de suas próprias filhas, ao ludibria-las com a ideia de que o rei poderia rejuvenescer ao utilizar determinadas ervas mística. Depois, temendo um ataque da população de Iolco, eles fogem para Corinto. Lá tem dois filhos e permanecem casados por 10 anos, após esse período Jasão resolve casar com Glauce, filha do rei de Corinto, e rejeitar Medeia.

3.2 Resumo da tragédia grega

A tragédia se passa em Corinto e se inicia diante dos lamentos de Medeia perante a rejeição de Jasão para casar com Glauce. Medeia encontrava-se totalmente devastada, mas ainda assim, sedenta por vingança. Para piorar sua situação o rei Creonte, pai de Glauce, conhecendo os poderes místicos e temendo retaliações decide expulsá-la com os filhos de Corinto. Numa atitude premeditada, ela súplica para que possa permanecer mais um dia no país para planejar seu refúgio, e tendo conseguindo sua permissão, ela trama finalmente uma vingança contra Jasão e o rei. Porém, antes de tudo ela precisaria de algum lugar para se abrigar após cometer os crimes, e para sua sorte, Egeu a procura para pedir ajuda, logo, “numa troca de favores, ela consegue arrancar de Egeu a promessa de abrigo e então põe em prática o seu plano.” (TSURUDA, 2009, p. 18) Envia, através de seus filhos, lindos acessórios para a princesa Glauce como demonstração de paz e de felicitações pelo seu casamento, porém não passava de um truque e as peças estavam envenenadas. Assim, no momento em que Glauce põe em sua cabeça o diadema de ouro e o véu a desgraça acontece. A princesa arde em chamas e morre queimada; seu pai ao tentar socorrê-la também acaba morrendo. Em seguida, Jasão vai até a casa de Medeia desesperado para salvar as crianças de possíveis represálias da família real, e é nesse momento que ele se depara com um infortúnio ainda maior, encontra os filhos mortos, assassinados pela mãe, e com Medeia fugindo para Atenas pelos ares no carro do deus do Sol, seu avô, puxado por dragões alados.

3.3 Eurípides e as rupturas na escrita da peça trágica

De acordo com Vieira (2010, p.179), Eurípides nasceu na ilha de Salamina, no ano de 480 a. C., e sua morte ocorreu em 406 a. C. onde viveu seus últimos dois anos a convite do rei Arquelau. Conquistou poucos prêmios nos concursos teatrais que participou. Vivia recluso, e costumava se isolar de todos numa gruta para criar suas peças, e ao contrário de outros dramaturgos, ele não fez parte do corpo político Ateniense. Escreveu 93 peças, as quais 18 sobreviveram até os nossos dias; foi o tragediógrafo que mais teve peças conservadas em comparação a Ésquilo e Sófocles. Aristóteles o considerava “o mais trágico dos trágicos”. (KURY, 1991, p. 7) Isso se explica provavelmente pelo fato de ter sido o dramaturgo que ousou modificar a maneira de elaborar peças, alterando elementos básicos e convencionais das tragédias, conferindo bastante pessimismo, subjetividade humana e explorando ao máximo a imaginação em suas tragédias.

A Medeia é classificada como a sua melhor peça trágica. Segundo Vieira (2010, p. 9), o tragediógrafo alcançou o terceiro lugar com a encenação da peça no concurso teatral das Grandes Dionísias de 431 a.C. A tragédia embora não tenha sido bem sucedida em sua época, tem uma fama extraordinária nos tempos atuais e foi fonte de inspiração para múltiplas versões de Medeias modernas, como a Joana, de Gota d'água de Chico Buarque. Conforme afirma Kury a respeito de sua fama:

O tema da *Medéia* tem atraído através dos tempos a atenção de outros dramaturgos, desde Sêneca até Anouilh, passando por Corneille, cuja *Medéia* é um dos produtos mais insípidos do teatro clássico francês. O texto e o contexto da *Medéia* são de tal forma densos e elaborados que a tradução, como a leitura, também é uma descoberta, a cada verso, de detalhes da habilidade e arte extraordinárias de Eurípides como poeta e dramaturgo. (KURY, 1991, p. 7)

Assim, é possível que o sucesso se deva em grande parte a uma específica cena da criação de Eurípides: o infanticídio de Medeia; pois segundo Rinne (2017, p. 9-10), “Foi ele o primeiro a apresentá-la como assassina dos próprios filhos.” E sem dúvidas, esse é o ponto mais notável e aterrorizante da tragédia. Sem falar no impacto causado nos espectadores pela aura pessimista que ele confere logo no início da peça com os lamentos e o desejo de vingança da protagonista, seguidos de suas calculadas ações. De acordo com Vieira “O efeito dramático da tragédia tem a ver com a tensão entre dois polos: o da farsa que Medéia representa diante de seus interlocutores e o da brutalidade do crime que está para cometer.” (VIEIRA, 2010, p. 169) Pois, toda a emoção e medo do espectador são exaltados quando Medeia põe seu plano em prática com sua atuação diante dos seus inimigos, no momento que finge não está mais enfurecida e age com frieza e cautela para realizar os crimes. Assim, diante dessa cena, os espectadores ficam apreensivos, e imaginando o quão cruel poderá ser o seu ato. Esses sentimentos são aflorados, especialmente, devido toda a segurança que a personagem apresenta em seu diálogo premeditado que antecede a desgraça. Conforme Vieira salienta: “A segurança com que ela desempenha seu script nessas passagens acentua a natureza cruel dos assassinatos que irá executar” (VIEIRA, 2010, p. 169).

Além disso, a genial inovação de Eurípides no modo de elaborar peças, uma característica marcante nas tragédias euripidianas, foi um aspecto essencial para a razão do sucesso da Medeia, a qual imprime bastante subjetividade. É extraordinária a confusão sentimental que se tem pela protagonista, em que alguns momentos é possível sentir por ela empatia, mas em outros, horror. Outro aspecto importante e que contribui, em parte, para essa confusão é a impecável descrição da personagem, exposta em suas próprias falas ou através

da fala de outros personagens, em que explana aos espectadores todas as suas questões e seus sentimentos. Conforme aborda Kury:

A caracterização dos personagens é uma das melhores coisas da peça, a começar pela da heroína, que é o primeiro e um dos mais finos dos profundos estudos feitos por Eurípides da alma feminina. O amor de Medéia em sua evolução para o ódio assassino, seu orgulho ferido, sua ferocidade, sua astúcia, são pintadas por Eurípides com mão de mestre e simpatia. (KURY, 1991, p. 6)

Como já mencionado, Eurípides inovou a escrita trágica, causando algumas rupturas na forma de fazer tragédias, uma delas é que, diferentemente da maioria que analisavam o coletivismo dos cidadãos, as relações com os deuses, e reafirmavam a ordem sócio-política da *pólis*, e a virilidade masculina; ele procurava abordar em seus trabalhos temas relacionados à individualidade do ser humano, suas fragilidades e os dilemas pessoais. Conforme Vieira: "Sua obra teatraliza diferentes peripécias e enigmas subjetivos. O enredo que entretém o público é fruto de conflitos que designamos correntemente como "pessoais". Trata-se do "mistério" distintivo de cada um." (VIEIRA, 2010, p. 174). Assim, suas peças eram compostas de pura humanidade, subjetividade, reflexão e criticidade de aspectos sociais. Foi ele então o tragediógrafo precursor da análise individualista e subjetiva, optando preferencialmente pela alma feminina para examinar e se destacar no palco de suas peças. Na Medeia abordou a psique da princesa estrangeira, que se viu repudiada pelo marido após realizar gradíssimos feitos pelo seu amado, desamparada, com filhos, num país completamente machista e que por fim, foi expulsa dele. Segundo Lopes ao analisar as palavras de Jaeger (1995): "[...] Eurípedes [...] é, por excelência, o primeiro "psicólogo" da dramaturgia, pois é o descobridor da alma num sentido completamente novo, o inquiridor do inquieto mundo dos sentimentos e das paixões humanas [...]" (LOPES, 2008, p. 4).

Ademais, também costumava não ceder tanto destaque aos deuses, em vez disso, focava em instigar na plateia a reflexão de que o humano é o único e verdadeiro responsável por seus atos na terra, assim, excluiu de seus trabalhos a ideia de culpa ou intervenção divina, que geralmente as tragédias abordavam. "Aristóteles comenta que, diferentemente de Sófocles, que apresenta os homens "como deveriam ser", Eurípides os representa "como são". (VIEIRA, 2010, p. 180) Logo, ele buscava enfatizar a ideia de reconhecimento da autonomia humana e aceitação da responsabilidade de seus próprios atos, e mais do que isso, aceitação da existência da pluralidade de caráter, de ideais, de sentimentos e comportamentos humanados, todos com suas singularidades, com os seus defeitos e pecados, sem envolver os deuses. Porém, é importante enfatizar que "não se deve atribuir, portanto, a uma hipotética

tendência antirreligiosa de Eurípides a ausência de mecanismos tradicionais de punição, mas a seu interesse em expor facetas psíquicas.“ (VIEIRA, 2010, p. 171) Ou seja, não significa dizer que ele era ateu ou algo relacionado uma repulsa religiosa, mas que o foco dele simplesmente girava em torno examinar os pensamentos instintivos e comportamentos de cada um; e foi exatamente o que fez na Medéia, conforme a afirmação de Kury (1991):

Outro aspecto digno de menção é que os erros de Medéia e de Jáson, ao contrário do que acontece na maioria das tragédias gregas, são devidos a seus próprios atos, e ambos não os atribuem ao destino ou a algum deus vingador. Eurípides, por via de Medéia, exprime a vida humana em termos de humanidade e de livre escolha do bem e do mal. (KURY, 1991, p. 6)

Além disso, introduziu a crítica em suas peças, mais um elemento de transgressão comparado aos textos trágicos convencionais, causando certa revolução no seu período. Como comprova Lopes, sobre a introdução inédita da crítica na tragédia: “Eurípedes teve o mérito de introduzir a crítica na tragédia, um dos fortes traços de ruptura em comparação à tradição de sua época, que tinha o mito como elemento gerador, mas desprovido de razão e fortemente influenciado pelos deuses.“ (LOPES, 2008, p. 4-5). Desse modo, ele denunciava os problemas existentes na sociedade ateniense, e questionava principalmente a estrutura política, a discriminação e segregação imposta pela ideologia patriarcal da sociedade ateniense.

Em Medéia, por exemplo, ele problematiza a sociedade humana, mostrando o indivíduo preso a cadeias e que procura abrandar esses sentimentos através da reflexão e da razão, discute o casamento, as relações sexuais, prática considerada tabu, e evidencia o poder do mais forte, introduzindo os sofrimentos de seu tempo ao mito original. O elemento do drama passa a ser a representação do egoísmo ilimitado do homem e a ilimitada paixão da mulher. (LOPES; RODRIGUES, 2018, p. 88)

Através da representação de personagens femininas ele examinava a posição das mulheres e o sofrimento dessa categoria. Costumava também inserir em suas peças seres revoltados que se opunham contra o sistema sócio-político ateniense, expondo muitas vezes os sofrimentos desproporcionais que eles enfrentavam por causa desse sistema. Em suas peças deu voz à pessoas que geralmente eram rebaixadas e silenciadas por seu status social; a exemplo, na obra em questão, ele deu voz à mulher estrangeira, e em algumas passagens da peça à ama e ao escravo.

Quem reconheceu de que substância, antes de Eurípedes, eram formados os heróis dos trágicos prometeicos, e quanto estes estavam longe de querer apresentar no palco qualquer máscara fiel de realidade, compreenderá agora também nitidamente a absoluta divergência das tendências de Eurípedes. Devido a este, o homem comum

deixou os bancos dos espectadores e subiu ao palco; o espelho, que outrora refletia só nobres e altivas feições, passou a representar com exatidão servil e a reproduzir com minúcia todas as deformidades da natureza. (NIETZSCHE, 2004, p. 72 *apud* LOPES; RODRIGUES, 2018, p. 83-84)

Ademais, as falas da heroína são constantemente acompanhadas de retórica quando expõe seu ponto de vista sobre sua condição social, elemento que tinha grande relevância para os atenienses daquele período. Assim, ele potencializa suas críticas ao utilizar essa ferramenta dialógica no discurso da protagonista. Desse modo, através de sua maneira inovadora de fazer tragédias, denunciou a condição psicológica e social da mulher de sua época, fazendo de Medeia uma personagem inesquecível.

Nas palavras que Medéia dirige ao coro, pode-se ler a consciência e o desabafo da discriminação sofrida [...] Com efeito, a fala da personagem caracteriza-se não apenas como um desabafo do "eu", dos sentimentos da personagem, como também procura convencer o interlocutor (e o espectador) da veracidade das colocações sobre as injustiças que recaem sobre a mulher. Savietto (1988, p. 118) observa que este discurso não é só a expressão de uma dor particular, mas é também um discurso do coletivo que expressa a condição de vida das mulheres da época. (DUTRA, 1991, p. 5-6)

Outra ruptura proporcionada pelo tragediógrafo na Medeia ocorre com a alteração temporal que faz com a dita (felicidade) e desdita (infelicidade). Eurípides inicia a encenação, com a introdução da desdita, ou seja, do infortúnio, que é o sofrimento da protagonista frente à traição do marido, para só depois evoluir para a dita, a felicidade, que nesse caso se trataria da feiticeira contemplando sua vingança contra Jasão. A ruptura acontece devido ao fato de que o convencional nas tragédias é iniciar a peça pela dita e finalizar com desdita. Bem como o filósofo Aristóteles afirma:

Necessariamente, pois, deve a fábula bem sucedida ser singela e não, como pretendem alguns, desdobrada; passar, não do infortúnio à felicidade, mas ao contrário. Da felicidade ao infortúnio que resulte, não de maldade, mas dum grave erro de herói como os mencionados, ou dum melhor antes que dum pior. (ARISTÓTELES, 2005, p. 32 *apud* LOPES; RODRIGUES, 2018, p. 84)

De acordo Lopes e Rodrigues, deve-se haver nas peças trágicas a ocorrência de um erro trágico cometido pelo herói, erro causado por um descuido, um erro de julgamento, ou seja, por ignorância; jamais por maldade. A consequência desse deslize é levar o herói a uma grande fatalidade, capaz de gerar piedade ao público da peça. (LOPES; RODRIGUES, 2018, p. 85) Porém, na Medeia o que se tem é o verdadeiro oposto desse ideal, pois a heroína não comete erros de julgamento que a levam à catástrofe ao longo da peça, mas sim durante o mito. Além disso, o erro trágico convencional realmente está presente na peça, entretanto quem os comete são outros personagens que não a heroína, nesse caso, seus inimigos Jasão e

Creonte, ao acreditar em suas palavras no momento de seu fingimento de ser uma mulher compreensível e pacífica, e conseqüentemente são eles quem passam pelo infortúnio. Quanto à fatalidade da peça, sua causa não foi descuido ou ignorância da heroína, como tradicionalmente ocorre nas peças, o infanticídio aconteceu por ações de um agente consciente. Desse modo, o tragediógrafo cometeu mais uma vez rupturas na forma de escrever tragédias. Como afirma Lopes e Rodrigues sobre as transgressões de Eurípides: “[...] estudando de forma aprofundada a questão do erro trágico ou *Hamartia*, podemos observar sob diferentes óticas que além de não recair só sobre a heroína, é um ato praticado pelo rei Creonte quando deixa Medéia ficar mais um dia em seu reino [...]” (LOPES; RODRIGUES, 2018, p. 80).

Outro ponto de transgressão foi a introdução de um *deus ex machina* ou deus surgido da máquina no desfecho da peça. Trata-se de um recurso dramaturgicó que faz surgir descendo do teto do palco, um ser divino, que não é personagem da peça, mas que vem a cena apenas pra resolver um conflito ou desenlaçar o enredo; o qual foi introduzido por Eurípides no final da Medeia. De acordo com a escrita tradicional, o desenrolar da trama deve ocorrer das atitudes dos próprios personagens da peça, e não seria apropriado fazer o uso desse mecanismo divino para finalizar a tragédia; o que, aliás, foi criticado por Aristóteles, segundo Lopes e Rodrigues (2018): “Aristóteles [...] afirma em sua *Poética*: “O desenredo das fábulas, é claro, deve ocorrer da própria fábula e não, como na Medéia, dum mecanismo.” (p.35)” (LOPES; RODRIGUES, 2018, p. 86).

Desse modo verificou-se que Eurípides foi um tragediógrafo transgressor em sua época, assim como sua personagem Medeia, ele revolucionou a forma de produzir peças trágicas, aderindo a elas um caráter mais singular, sensível, imaginativo, espontâneo e ao mesmo tempo, crítico e denunciador das injustiças sociais, e em especial da discriminação feminina sofrida pela ordem patriarcal que imperava. Inegavelmente estava à frente de seu tempo e a sociedade ateniense do século V a. C. não o compreendeu e não soube valorizá-lo tão quanto deveria.

4. ANÁLISE DA CONDIÇÃO FEMININA DA PERSONAGEM MEDEIA E A RACIONALIZAÇÃO DE SEUS ATOS TRANSGRESSORES

É comum notar a imagem negativa que as pessoas têm da personagem Medeia, sua descrição conferida pelo discurso coletivo é de ser simplesmente uma louca, ciumenta e assassina dos próprios filhos. Entretanto, é preciso abandonar essa visão rasa e compreender

de modo mais aprofundado a sua condição social, seus sentimentos e a racionalização de seus atos, ou seja, compreender suas transgressões. Desse modo, a personagem é a princípio, posta diante de infortúnios os quais a deixam em um estado devastador, todavia, ela não aceita de modo passivo suas desgraças, como normalmente espera-se de uma mulher, especificamente de uma mulher na Grécia antiga em um universo dominado por homens. Assim, Medeia reage com transgressões, as quais fazem parte de sua personalidade, e é visível desde o seu mito, mas que estavam adormecidas e foram necessariamente restauradas para que ela recuperasse a sua dignidade e honra.

4.1 A condição social e emocional de Medeia frente às desventuras de sua vida

Nos primeiros versos da peça a condição da heroína é bastante frágil, pois trata-se de uma mulher estrangeira e mãe, que foi inesperadamente golpeada por várias desgraças. Havia sido repudiada pelo marido, exilada de seu refúgio e ameaçada de morte pelo rei, além de está sem lugar para se abrigar, com dois filhos para sustentar e sem nenhum tutor para protegê-la e representá-la juridicamente em meio à sociedade patriarcal da Grécia antiga, na qual a mulher é dependente de um homem para quase tudo. Naturalmente Medeia estava desesperada com medo do que iria acontecer com ela e seus filhos, sem saber que rumo tomar; e ao mesmo tempo com ódio de Jasão, o culpado por sua desventura. Mas também, como consequência da traição de seu amado, surge nela o sentimento de arrependimento por ter fugindo de sua terra com esse homem ingrato e covarde que a repudiou para conseguir mais vantagens. Pois, como se sabe Medeia era uma princesa em seu país, e tinha uma beleza encantadora, logo, se tivesse permanecido em seu palácio poderia está em um casamento mais estável, com algum nobre talvez, e não seria desrespeitada, pois como filha do rei, a autoridade suprema, ela estaria certamente mais protegida dos ultrajes masculinos e em uma posição elevada e respeitável. Além disso, estaria ao lado de seus familiares, sentindo-se acolhida e amada por seus amigos e parentes; diferentemente de sua situação atual de humilhação e desamparo social e civil.

Medeia dirigindo-se ao coro:

Mas uma só linguagem não é adequada
a vós e a mim. Aqui tendes cidadania,
o lar paterno e mais doçuras desta vida,
e a convivência com os amigos. Estou só,
proscrita, vítima de ultrajes de um marido
que, como presa, me arrastou a terra estranha,
sem mãe e sem irmãos, sem um parente só

que recebesse a âncora por mim lançada
na ânsia de me proteger da tempestade. (EURÍPIDES, 1991, p. 24)

Ademais, mesmo que não tivesse sido expulsa continuaria sendo o que foi durante esses dez anos em Corinto: uma mulher estrangeira. Somente o fato de ser mulher numa sociedade androcêntrica já seria motivo suficiente para ser reprimida, pois a mulher desse período estava colocada sempre como inferior aos homens, submetidas às vontades deles; e por ser estrangeira, Medeia era, portanto inferior ainda às mulheres comuns, e mais excluída da *pólis*, era proibida de adquirir um casamento legítimo com um cidadão, e de se destacar nas cerimônias religiosas, segundo o estatuto das metecas; buscando tomar todo cuidado para manter sempre um bom relacionamento com os habitantes de Corinto, como mostra o verso 15. E após o repúdio de Jasão, para piorar, encontrava-se sem um tutor amigo e confiável, estaria nas mãos de um homem designado pelo estado. Diante dessa triste condição, a estrangeira lamenta e se arrepende amargamente por ter deixado o seu lar e sua família; e o coro de mulheres coríntias concorda que sua situação é digna de piedade.

MEDÉIA

Devem também os estrangeiros integrar-se
e não posso aprovar tampouco o cidadão
que, por excesso de altivez, ofende os outros
negando-se ao convívio natural com todos.
(EURÍPIDES, 1991, p. 23)

CORO

Ah! Nossa pátria e lar! Queiram os céus
que nunca nos desterrem nem levemos
uma vida penosa na miséria,
de todas as desditas a mais digna
de piedade! Que nos fira a morte
antes de contemplarmos esse dia,
pois vemos — não contamos por ouvir
de estranhos — que tu não tiveste pátria
nem um amigo para comover-se
com o cruel destino que te esmaga!
Morra o ingrato que não foi capaz
de honrar, como devia, a sua amiga [...]
(EURÍPIDES, 1991, p. 40)

Os poderes místicos de Medeia também é outro fator que contribui para sua terrível condição social, pois por causa deles, a feiticeira sofria discriminação em Corinto. Os homens, principalmente, temiam ou invejavam os conhecimentos de Medeia, provavelmente por serem inacessíveis a eles, portanto julgavam-na e a maltratavam por sua condição de feiticeira. Conforme Robustelli (2015):

[...] as mulheres como possuidoras destes saberes foram definidas como perigosas porque próximas de um conhecimento sobrenatural, inacessível para a maioria e, mormente, para os homens. Os ritos de epifanias [...] afirmavam esta condição e as tornavam criaturas marginais dentro da *polis* grega [...] (ROBUSTELLI, 2015, p. 24)

Assim, os pensamentos dessa mulher deviam ser os mais tristes e revoltantes, pois obviamente não escolheu essa condição que faz com que todos a desprezem, além disso, soma-se o seu estatuto de estrangeira, que é tratada sempre como alguém não pertencente a *polis* grega. E foi justamente devido ao temor de seus poderes místicos que Creonte resolveu expulsá-la de sua *polis* e ameaça-la de morte. Diante disso, Medeia desabafa para o rei sobre a discriminação que sofre por seus poderes de feitiçaria, e naturalmente nutre por ele um rancor sem tamanho por ter sido expulsa junto com seus filhos de modo tão ríspido e injusto.

MEDÉIA

Não é só hoje, rei Creonte; com frequência
a minha fama traz-me esses transtornos. Nunca
os homens de bom senso deveriam dar
aos filhos um saber maior que o ordinário.
Além do nome de ociosos, eles ganham
com isso a inveja iníqua dos concidadãos.
Se aos ignorantes ensinares coisas novas?
serás chamado não de sábio, mas de inútil.
E se além disso te julgarem superior
àqueles que se crêem mais inteligentes,
todos suspeitarão de ti. Minha ciência
atrai de alguns o ódio, a hostilidade de outros.
Este saber, porém, não é tão grande assim.
Mas, seja como for, tu me receias. Temes
que eu tenha meios de causar-te sofrimentos.
(EURÍPIDES, 1991, p. 26)

Mais um dos sentimentos presente no emocional da personagem é a sensação de desrespeito e enganação após descobrir que Jasão a rejeitou para se casar com Glauce. Essa indignação surge motivada principalmente pela quebra dos juramentos sacros, pois somente por confiar totalmente nas juras de fidelidade de seu amado, ocorridas no templo de Hecáte, ela o ajudou a vencer as missões na Cólquida, traiu sua família e largou seu país. Para Medeia, bem como para a maioria das pessoas de seu tempo, um juramento feito diante dos deuses é um acordo sagrado e inabalável, não apenas para os humanos, como também aos próprios deuses, e a quebra dele significa covardia, falta de caráter e de palavra para quem não o respeita. Sem falar que, “à luz dos valores da sociedade grega, o ato de Jasão é imperdoável porque ele quebrou os juramentos de fidelidade. Ele apenas teria o direito de fazer isso caso a união tivesse sido estéril.” (LESSA; NOGUEIRA, 2018, p. 77) Logo, Medeia se vê traída e injustiçada, pois ele não honrou sua promessa e a fez mudar o curso de sua vida a troco de nada, tudo por confiar que ele respeitaria as juras; assim, é normal que ela

sinta por ele um ódio profundo e um desgosto pela vida, tanto que se considera reduzida a nada.

MEDÉIA

Do interior

Zeus poderoso e venerável Têmis8,
vedes o sofrimento meu após
os santos juramentos que me haviam
ligado a esse esposo desprezível? (EURÍPIDES, 1991, p. 21)

CORO

Golpeada pela injúria,
clama por Têmis, filha de Zeus, deusa
dos juramentos, pois jurando amá-la,
Jáson a trouxe até a costa helênica [...] (EURÍPIDES, 1991, p. 22-23)

MEDÉIA

Maior dos cínicos! (É a pior injúria
que minha língua tem para estigmatizar
a tua covardia!). Estás aqui, apontas-me,
tu, meu inimigo mortal? Não é bravura,
nem ousadia, olhar de frente os ex-amigos
depois de os reduzir a nada! O vício máximo
dos homens é o cinismo. (EURÍPIDES, 1991, p. 33)

Há ainda outro fator que leva a feiticeira da Cólquida a se sentir injustiçada e irada com Jasão. Dessa vez por sua tamanha ingratidão e falta de reconhecimento por tudo que ela proporcionou a ele. Por isso, após o abandono dele, Medeia se vê arrependida de todos os benefícios que lhe proporcionou; isso porque Jasão além de não a recompensar como deveria por tudo ela fez; ainda demonstrou ingratidão e desdenhou da ajuda fornecida por Medeia na expedição, quando reclamado por ela; e pior ainda, cinicamente ele afirma que ofereceu mais a ela do que o contrário, já que segundo ele, trazê-la para uma terra grega e mais civilizada é muito melhor que viver nos confins do mundo em país bárbaro. Porém, não há dúvidas de que foi graças a ela que ele conseguiu chegar onde chegou. Primeiramente, ela o salvou dos perigos com os seus feitiços quando o mesmo foi até a Cólquida para enfrentar os desafios mais assustadores submetidos por seu pai, ela traiu sua família e o fez vencedor em todas as missões, foi ela que, a pedido dele, matou Pélias, ela quem o ajudou durante toda a viagem dos argonautas, enfim ela fez tudo que ele queria e precisava para sentir-se bem. Sendo assim, se não fosse por Medeia, Jasão não teria conseguido completar sua missão, nem tampouco estaria vivo se não fosse os conhecimentos dela, e é justamente a ausência desse reconhecimento que lhe aflige, reconhecimento de sua força, de sua importância, de sua sabedoria. Diante de tanta desvalorização ela sente-se revoltada por ter sua honra ferida, algo de extrema relevância para ela, visto que possuía ideais heroicos, como o cumprimento da

palavra dada, a busca pelo reconhecimento de seus feitos, e honra bem estabelecida. Logo ao ter abalado algum desses aspectos, ela não se sentiria plenamente bem consigo mesma, e certamente faria algo para reconstituir seus valores e sua dignidade típica de uma heroína. Conforme afirma Vieira (2010, p. 167) sobre a tradição heroica presente em seu vocabulário: “Ocorre que o léxico utilizado por Eurípides segue efetivamente a tradição heroica masculina, assentada em valores como reconhecimento da honra, afã competitivo, equilíbrio entre feito e reconhecimento.”.

MEDÉIA

Eu te salvei (todos os gregos¹⁷
que embarcaram contigo na *Argó* bem sabem),
quando foste enviado para submeter
ao duro jugo o touro de hálito inflamado
e para semear a morte em nossos campos.
Fui eu que, oferecendo-te modos e meios
de matar o dragão, guarda do tosão áureo,
imune ao sono, com seus múltiplos anéis,
fiz brilhar para ti a luz da salvação.
Traí meu pai, eu, sim, e traí a família
para levar-te a Iolco (foi maior o amor
que a sensatez); fiz Pelias morrer também,
da morte mais cruel, imposta pelas filhas,
e te livre de todos os receios, Jáson. [...] Ah!
Esta mão direita e estes meus joelhos
que tantas vezes seguraste! Ah! Foi em vão
que tantas vezes me abraçaste, miserável!
Como fui enganada em minhas esperanças!...
(EURÍPIDES, 1991, p. 33)

A feiticeira encontrava-se também desolada e desrespeitada enquanto mulher pelo repúdio de Jasão porque havia sido uma boa e devota esposa para ele durante os anos de casados, e também porque o amor que ela sentia por ele desde o início era um amor fora do comum, um amor arrebatador. Logo, ao se vê repentinamente abandona por ele para casar-se com outra, sentiu como se tivessem apunhalado uma faca em seu peito, se via sem chão por perder o homem que tanto amou e se entregou. Pois segundo Rinne:

Uma mulher que vê, no seu relacionamento amoroso com o homem, um sentido exclusivo e um conteúdo da sua vida, acaba de mãos vazias quando o seu homem se devota a uma outra [...] Tendo investido todas as suas energias no relacionamento, ela agora se sente lograda. Talvez reaja com raiva e sede de vingança contra o homem [...] (RINNE, 2017, p. 19)

Sendo assim, Medeia se encontrava frustrada e furiosa ao mesmo tempo porque suas vontades e sonhos não se concretizaram depois de apostar todas as suas fichas nesse relacionamento que não valeu a pena. Essa frustração deriva também da descoberta da própria desvalorização por ter se submetido a se anular por ele e ter feito dele sua razão de viver.

Conforme explica Rinne, (2017, p. 146): “A injustiça, suposta ou real, e a perda sofrida, não apenas provocam dor e sofrimento, mas também fazem brotar sentimentos de fraqueza, de inferioridade e de se ser um brinquedo nas mãos do outro.” O sofrimento de Medeia pela rejeição era tanto que o coro de mulheres o compreende como se fosse seu, afinal, qualquer mulher na situação dela estaria igualmente desolada. “CORO: [...] sentimos igualmente a aflição de um lar tão caro também para nós.” (EURÍPIDES, 1991, p. 20), “Não estranho o pranto que derramas por teu infortúnio. (EURÍPIDES, 1991, p. 25)”. Sua mente ficava cada vez mais perturbada e revoltada ao lembrar a injúria praticada por seu amado, ela claramente não sabia lidar com isso e com tudo que iria enfrentar a partir de então; diante desse sofrimento, tudo que ela mais desejava era a morte. Conforme expressado por ela:

MEDÉIA

Mas, quanto a mim, despedaçou-me o coração
o fato inesperado que vem de atingir-me;
estou aniquilada, já perdi de vez
o amor à vida; penso apenas em morrer.
O meu marido, que era tudo para mim
— isso eu sei bem demais —, tornou-se um homem péssimo. (EURÍPIDES, 1991, p. 23)

AMA

Ela se esforçava ao máximo
por agradar aos habitantes da cidade
que é seu refúgio e, tanto quanto era capaz,
por sempre concordar com Jáson, seu marido
(salva-se o casamento com maior certeza
quando disputas não afastam a mulher
de seu consorte). Mas agora a inimizade
a cerca por todos os lados e ela vê-se
ameaçada no que tem de mais precioso [...] (EURÍPIDES, 1991, p. 14)

Por fim, para completar o desgosto da heroína, o cinismo presente nas fala de Jasão, faz com que ela se sinta enojada do seu caráter dissimulado e oportunista. Visto que o mesmo tenta convencê-la de que o casamento dele com a princesa é algo sensato e bom para ela e os filhos, pois, de acordo com ele, ofereceria um futuro melhor para as crianças. Jasão ainda releva que o motivo do novo casamento trata-se de estabilidade financeira e abundância, diz ainda que colocaria todos os filhos, os já existentes e os futuros, no mesmo nível de igualdade, o que é claramente uma inverdade, pois segundo as leis gregas antigas, os filhos bastardos não possuem os mesmos direitos que os filhos de uma união legítima. Como diz Rinne, (2017, p. 82-83): “Péricles instituiu uma lei que proibia o casamento entre os cidadãos e os metecos; essas uniões eram consideradas concubinato e os filhos delas nascidos não tinham direito a herança.” Entretanto, apesar das belas palavras de Jasão, que tenta manipular um discurso, Medeia não se deixa dobrar, assim como o coro de mulheres que também não

concorda com ele, saindo em defesa de Medeia ao dizer que ele enfeita bem as palavras, mas que sua atitude foi errada ao abandonar a primeira esposa. Diante disso, ela claramente está decepcionada com Jasão e sente repulsa de sua conversa infundada, e da constatação de seu caráter oportunista, que optou sem hesitar pela aliança mais vantajosa, com mais poderes e mais direitos políticos e de cidadania, em vez de permanecer ao lado de quem o amava, mas não lhe daria uma vida gloriosa por ser estrangeira. “Para este homem viril o que importa em uma mulher é a vantagem que pode dela obter, e assim o fez, sem hesitar.” (ROBUSTELLI, 2015, p. 45)

MEDÉIA

Pára também de me impingir tua conversa
cínica e artificiosa. Uma palavra
apenas é bastante para confundir-te.
Não fosses tu um traidor e deverias
ter começado por tentar persuadir-me
antes de consumir teu novo casamento,
em vez de ser omissos com a tua amiga. (EURÍPIDES, 1991, p. 37)

Diante da exposição dessas desventuras, fica evidente a frágil condição feminina da protagonista no início da peça, tanto no quesito social, pois estava totalmente desamparada, como no quesito emocional que se encontrava extremamente abalado por tudo que ela passou. Também fica evidente que todas essas circunstâncias infelizes as quais ela foi submetida foram impostas por seus inimigos. Portanto, em virtude de tanta desmoralização e injustiça, a feiticeira bárbara, mulher de intensos sentimentos, certamente enxerga em suas desgraças, razões pertinentes o bastante para praticar uma vingança implacável contra seus inimigos, ademais, ela enquanto heroína que preza por sua honra não iria permitir se manter na posição de aviltada por muito tempo, nem tampouco se conformar com a derrota e o os risos dos traiçoeiros.

4.2 As transgressões de Medeia e a racionalização de seus atos

Apesar das catástrofes vividas e do estado de desestabilidade social e emocional em que se encontrava após o abandono, Medeia tinha uma personalidade transgressora por natureza, o que pode ser observado desde o mito; nele, a neta do deus do sol foge de seu país, trai sua família, mata pessoas, é habilidosa na arte de feitiçaria, no domínio das palavras entre outras particularidades de sua personalidade. Desse modo, é compreensível que a protagonista se encontre na condição de transgressora também na peça trágica, pois além de compor seu caráter, apesar de enfraquecido, as suas irregularidades foram praticadas como

uma forma de superar as adversidades, as fragilidades e as humilhações as quais foi submetida, ou seja, todos aqueles sentimentos presentes no emocional de Medeia como a melancolia, injustiça, desonra e ira, causados por Jasão, desencadearam nela os atos transgressores necessários para recuperar sua dignidade e se revigorar. Assim, a protagonista migra da condição de estrangeira exilada e ultrajada para uma mulher que reencontra a sua força adormecida e se mostra transgressora. Bem como Dutra (1991) expressa:

Antes de tudo, a feiticeira da Cólquida apresenta-se como um símbolo do amor próprio ferido, que luta desesperadamente para recuperar a dignidade perdida. Como rainha, descendente de deuses e principalmente como mulher, ela comete um ato supremo, posto que violento, para resgatar a auto-imagem e o respeito por si mesma. (DUTRA, 1991, p. 8)

Nesse sentido, as transgressões da princesa bárbara se destacam principalmente na coragem feminina excepcional, capaz de se autodefender, está na cautela e na força para cometer tais crimes, como também na capacidade de manipulação contra seus inimigos, no amor a sua honra, na denúncia da condição feminina conferida em seu discurso feminista, e na capacidade de compreender as malícias de Jasão e de enfrentá-lo com inteligência e retórica.

Entre todos os atos transgressores de Medeia, o mais maquiavélico foi o infanticídio de seus filhos. Jamais uma mãe teria praticado um crime desses por ter sido repudiada por seu marido, as mulheres deveriam, segundo o estatuto feminino, aceitarem passivamente as decisões de seus maridos. Medeia, entretanto, fica indignada com a traição de Jasão e com as consequências dela para sua vida; assim, comete o crime mais inesperado de todos, o assassinato dos próprios filhos. Conforme Rinne (2017, p. 12): “O infanticídio é a mais extrema transgressão a que uma mulher chegaria, o crime mais hediondo que ela praticaria”. E ela faz isso utilizando de muita astúcia e coragem, pois primeiramente se assegura de um refúgio para escapar após o crime, logo depois mata a princesa e o rei, por meio de muita manipulação para conseguir envenená-los, e por fim, dentro de sua casa, ela mata os filhos encravando um punhal em seus peitos.

Porém, embora o sentimento amoroso por Jasão exista no emocional de Medeia, não é necessariamente o desamor conjugal que a leva a se revoltar contra o ex-amado. O motivo do assassinato praticado por ela se deve a um conjunto de atitudes problemáticas de Jasão, as quais desenvolveram em Medeia sentimentos de injustiça, desonra e enganação. Conforma salienta Vieira:

Não estamos diante de um crime motivado por ciúme, pois não fica evidente a existência de um elo afetivo forte entre ela e Jasão. Medeia comete brutalmente assassinatos em série por não suportar a ingratidão do ex-marido, personagem cínico, ambicioso e calculista. Não é da manifestação afetiva que Medeia sente falta,

mas da manutenção do compromisso. A traição decorre do fato de o ex-esposo não preservar o conjunto de favores proporcionados por ela em seu périplo bem-sucedido. É verdade que o vazio que a nova situação a coloca é registrado por Medéia: a impossibilidade de retornar ao país natal ou de buscar refúgio entre as filhas de Pélias. (VIEIRA, 2010, p. 158)

Assim, a punição é derivada, de fato, de toda a ingratidão dele para com ela, pela falta de reconhecimento dos seus feitos, pela traição das juras sagradas, pela condição infeliz que a deixou enquanto estrangeira exilada, etc. Ademais, a estrangeira se vingava porque enquanto heroína, é natural que ela não aceite submissa as desgraças postas por seus inimigos, já que guia-se pelo credo heroico de honra que não admite ser derrotada, e que o riso dos inimigos lhe apavora, buscando sempre o reconhecimento de seus feitos e preservar sua dignidade. Bem como aborda Bernard Knox:

Heróis, como se sabia muito bem, eram seres violentos e, como vivessem e morressem pelo simples código “ajude os amigos e prejudique os inimigos”, era de esperar que suas vinganças, quando se sentissem injustamente tratados, desonrados, diminuídos, fossem monumentais e fatais. (KNOX *apud* LESSA; NOGUEIRA, 2018, p. 77)

Então, sentindo-se inferiorizada por ele, ela decide se vingar de sua ingratidão e deslealdade, buscando puni-lo do modo mais terrível possível, puni-lo no que ele tem de mais precioso: sua descendência. Por isso ela se garante de matar também a princesa, e assim aniquilar totalmente seus descendentes, e a chance de prestígio de Jasão. Pois para os homens desse período, os filhos, especialmente do sexo masculino, tem uma importância extrema, reflete a continuação do seu eu, a perpetuação de seu nome e de seus bens, além de assegurar os cuidados na velhice e as cerimônias após a morte; para Jasão, homem nitidamente ambicioso e ávido por poder e fama, não é diferente. Assim, ao matar seus filhos, Medeia mata também Jasão, mas de uma forma mais cruel, pois de fato permanece vivo, mas sempre será atormentado por tudo que perdeu. “Tal como Medeia planejara, a fatalidade ocorreu; apenas Jasão ficou com vida, como Medeia desejava, porque ele devia sentir que perdera tudo, devia tomar-se tão infeliz quanto ela. Esse era o objetivo da sua vingança.” (RINNE, 2017, p. 41)

Entretanto, é preciso compreender que para a personagem cometer tal crime não foi fácil, pois Medeia amava os filhos, e durante o processo de planejamento do ato estava numa situação complicada em que ela travava consigo mesma uma luta interna, e muitas vezes, desistia de matá-los por saber o quanto iria destruí-la viver sem eles, mas por outro lado, ela já se sentia destruída pelas humilhações de seus inimigos. Diante disso, ela se vê com a mente perturbada por prosseguir com esse conflito interno, até que finalmente decide que

infelizmente será necessário matar as crianças, pois não iria se permitir ser motivo de piada para seus adversários, tudo que ela mais queria no fundo era recuperar sua força, dignidade e, enquanto heroína a sua honra, que estavam perdidas com as injúrias e com a desvalorização de seus sacrifícios por parte de seu ex-amado, assim, ela une forças e a conduta heroica para conseguir fazer o sacrifício mais difícil da sua vida.

MEDÉIA

Com uma expressão de horror

Mas mudo aqui meu modo de falar, pois tremo só de pensar em algo que farei depois: devo matar minhas crianças e ninguém pode livrá-las desse fim. E quando houver aniquilado aqui os dois filhos de Jáson, irei embora, fugirei, eu, assassina de meus muito queridos filhos, sob o peso do mais cruel dos feitos. Não permitirei, amigas, que riam de mim os inimigos! Terá de ser assim. De que vale viver? Já não existem pátria para mim, meu lar, nenhum refúgio nesta minha desventura. Jamais voltará ele a ver vivos os filhos que me fez conceber, e nunca terá outros de sua nova esposa que — ah! miserável! — deverá perecer indescritivelmente graças aos meus venenos! Que ninguém me julgue covarde, débil, indecisa, mas perceba que pode haver diversidade no caráter: terrível para os inimigos e benévola para os amigos. Isso dá mais glória à vida. (EURÍPIDES, 1991, p. 49)

MEDÉIA

Matando-os, firo mais o coração do pai.

CORIFEU

E tornas-te a mulher mais infeliz de todas.

MEDÉIA

Terá de ser assim. (EURÍPIDES, 1991, p. 50)

Quando Jasão recebe a notícia da morte de seus filhos, entra em desespero e através de sua fala é comprovada sua morte em vida “Que dizes? Ai de mim! Mataste-me, mulher!” (EURÍPIDES, 1991, p. 70). Desse modo, Medeia triunfa sobre seu maior inimigo. Nesse momento, após a morte dos filhos ela aparece para Jasão já no carro de seu avô, o deus do sol, por cima da casa junto com os corpos dos filhos, e debochando dele, que chamava furioso por ela, afirma que as mãos dele jamais a tocarão, pois está protegida. Essa cena parece sugerir a vitória, a força transgressora e a superioridade da protagonista que surge intocável e acima de seu inimigo e da terra que a hostilizou.

Depois, reforçando ainda mais a derrota de Jasão, que tem totalmente aniquilado o seu orgulho e a sua felicidade de vida. Ele se expressa enfurecido desferindo adjetivos grosseiros

contra Medeia e revela que foi atingindo gravemente pelo crime praticado contra seus filhos: “[...] me atingiste mortalmente ao me privar dos filhos!” (EURÍPIDES, 1991, p. 71). É possível perceber também, através das falas do próprio Jasão, a confirmação da transgressão da personagem, podendo ser observada quando ele diz que ela não é uma mulher, mas uma leoa e que “Jamais houve uma grega capaz de um crime destes”; pois aqui fica evidente que ela recusa a fragilidade comum ao feminino da sociedade que estava inserida, agindo de forma peculiar para seu gênero.

Por fim, Medeia se defende das ofensas dele afirmando ter motivos o suficiente para fazer o que fez, e fica claro ao longo do diálogo que ela sofre a morte dos filhos, mas que ele sofre ainda mais, e que será assim enquanto ele viver, ou seja, terá uma vida miserável, conforme planejado por Medeia. Para ferir ainda mais seu coração, ela nega a ele o sepultamento dos filhos, bem como sua suplica para tocar uma última vez no rosto das crianças, pois segundo ela, ele não merece visto que antes nem os procurava. Quanto ao sepultamento ela o fará bem longe de todos, em um lugar também intocável por ele, no santuário de Hera, nas colinas, onde serão honrados com cerimônias. Suas últimas palavras para Jasão antes de se retirar de cena, ainda no carro flamejante, é que ele morra da forma mais miserável possível como consequência de suas escolhas; enquanto ele se vê lamentando a Zeus a triste desventura. Desse modo, tem-se o triunfo da estrangeira, que se livra do temido riso dos inimigos e da ideia de se tornar piada entre eles, ficando restituída sua honra e dignidade após vê-lo sofrendo pela morte dos filhos e pelo impedimento de sua despedida.

Diante disso, para comprovar a dificuldade de Medeia em concretizar o infanticídio, no verso a seguir pode ser observado sua luta interna e o sofrimento da personagem, que de início parece até ter desistido da ação, porém depois volta atrás e resolve não deixar impunes os adversários, pois assim evita que se torne uma piada na boca deles.

MEDÉIA

Ai! Que farei?

Sinto faltar-me o ânimo, mulheres, vendo
a face radiante deles... Não! Não posso!

Adeus, meus desígnios de há pouco! Levarei
meus filhos para fora do país comigo.

Será que apenas para amargurar o pai
vou desgraçá-los, duplicando a minha dor?

Isso não vou fazer! Adeus, meus planos... Não!

Mas, que sentimentos são estes? Vou tornar-me
alvo de escárnio, deixando meus inimigos
impunes? Não! Tenho de ousar! A covardia

abre-me a alma a pensamentos vacilantes. (EURÍPIDES, 1991, p. 59-60)

Também nos versos 1210 – 1220 é possível ver o tamanho do amor materno que ela sente por eles, através da evidência do seu estado de lastima, pois não queria jamais ter chegado a esse extremo. Dessa forma, quando se vê sem saída, depois de já haver concretizado a morte da princesa e do rei, Medeia chama seus filhos e se despede dolorosamente, abraça-os, beija-os e deseja que sejam felizes em outro lugar. Além disso, segundo ela, não havia outra opção, seus filhos teriam de morrer. Se não fosse por ela seria pelas mãos da família real, então a fim de evitar uma morte extremamente violenta ela resolve que é chegado o momento de criar coragem e matar os filhos. Então ela tenta se convencer de que é o certo, e de que é melhor não lembrar o quanto os ama, deixando para sofrer por eles depois, pois seu tempo é curto. Conforme pontuado por ela:

MEDÉIA

Não quero, demorando,
oferecer meus filhos aos golpes mortíferos
de mãos ainda mais hostis. De qualquer modo
eles devem morrer e, se é inevitável,
eu mesma, que os dei à luz, os matarei.
Avante, coração! Sê insensível! Vamos!
Por que tardamos tanto a consumir o crime
fatal, terrível? Vai, minha mão detestável!
Empunha a espada! Empunha-a! Vai pela porta
que te encaminha a uma existência deplorável,
e não fraquejes! Não lumbres de todo o amor
que lhes dedicas e de que lhes deste a vida!
Esquece por momentos de que são teus filhos,
e depois chora, pois lhes queres tanto bem
mas vais matá-los! Ah! Como sou infeliz (EURÍPIDES, 1991, p. 66-67)

Medeia ainda acreditava que de um modo ou de outro os filhos sofreriam, visto que mesmo que se não houvesse matado ninguém, eles não poderiam ficar no palácio, pois seriam hostilizados, e de fato, a princesa não os aceitava com facilidade; conforme é visto no verso 1300, que o mensageiro descreve a reação de aversão que ela teve ao encontrar as crianças em seu palácio, além disso, ela não suportaria o afastamento dos filhos. E por outro lado, no verso 590, ela acreditava que se os filhos partissem somente com ela teriam uma vida infortunada, visto que estavam exilados, sem rumo e sem a presença do pai. Desse modo, ela enxergava nessas circunstâncias mais razões a ser somadas para praticar a fatalidade.

A morte do rei e da princesa, futura esposa de Jasão foi outra transgressão praticada por Medeia. Pois, inegavelmente, esse ato exige muita coragem, coragem essa muito superior às mulheres e até mesmo aos homens comuns da Grécia. Até porque além de um grandíssimo crime perante as leis humanas da *pólis* e um desrespeito a vida do rei, é um ato muito

arriscado, visto que alguém que mata o rei quando descoberto não tem perdão, a sentença de morte é certa; e o rei, como autoridade suprema, é um homem com bastante aliados e com protetores por todas as partes. Apesar dos riscos e da violação das leis, a personagem não hesita em cometer os homicídios contra eles e indiretamente contra a ordem da *pólis*.

Com a ajuda de uma manipulação verbal precisa e seus poderes místicos ela concretiza seu objetivo maligno. Primeiro conseguiu permanecer por mais um dia em Corinto, depois enviou presentes para a princesa através dos filhos, pois conhecedora da vaidade feminina ela utilizou de belíssimos adereços para que a princesa não resistisse a usá-los, e após o contato com sua pele a desgraça aconteceu, o veneno presente no véu consumia sua pele, e do diadema de ouro saía chamas de fogo, tentou lutar por sua vida, mas não resistiu e morreu desfigurada; vendo sua filha sucumbir o rei desesperadamente agarrou-a lamentando sua dor e tentando ajudá-la, porém, também morreu envenenado. A morte deles foi terrível passando pelas mais agoniantes dores. Medeia não tinha dúvidas que seu plano de vingança tenebrosa daria certo, e assim como planejado aconteceu. Saindo vitoriosa contra seus inimigos. Além disso, o prazer que a personagem sente ao saber da morte deles é outro ponto interessante, pois ele é enorme, ela faz questão de ouvir do mensageiro como tudo aconteceu e parece se deleitar com os detalhes torturantes da morte real.

As falas do mensageiro reforçam a transgressão cometida por Medeia:

MENSAGEIRO

Tu que, violentando as leis, premeditaste
e praticaste um crime horripilante, fuge! (EURÍPIDES, 1991, p. 62)

MENSAGEIRO

Como, Medéia? Teu júzo está perfeito,
ou estás louca? Logo após exterminar
a família real demonstras alegria
em vez de estremececer ouvindo esta notícia? (EURÍPIDES, 1991, p. 63)

De acordo com a fala de Jasão percebe-se o quão arriscado foi a pratica da feiticeira, de tal modo que o mesmo acredita que ela não irá sair impune, a menos que se utilize de meios extraordinários para só assim conseguir fugir da ira da realeza, das autoridades do país. E para sua surpresa, Medeia assim como em sua fala irônica, consegue através de meios incríveis, escapar da punição.

JÁSON

Que ela se esconda nas profundezas da terra,
ou, recebendo asas, suba ao infinito,
se não quiser pagar agora o justo preço

de sua crueldade! Ou pensa ela que,
depois de haver causado a morte dos senhores
desta cidade, fugirá impunemente? (EURÍPIDES, 1991, p. 69)

O motivo de Medeia ter matado o rei foi a humilhação e a falta de empatia dele para com ela. Pois ele primeiro concedeu a mão de sua filha para Jasão, o grande amor de Medeia, depois a expulsou de Corinto da forma mais rude possível, chegando ao ponto de ameaça-la de morte, tudo isso por temer seus poderes de feitiçaria. Desse modo, ela passa a perceber o rei como um inimigo mortal, que covardemente desrespeitou-a quando permitiu a união de Jasão e sua filha, pois não teve a menor empatia pela condição miserável que ela ficaria, devido ser ela a primeira esposa, mãe de dois filhos e mulher estrangeira; além disso, para a heroína, a atitude de expulsá-la com os filhos foi injusta e desumana considerando que ela tinha acabado de perder o marido com o consentimento dele.

Logo, sentindo-se ferida em seu orgulho, resolve se rebelar contra ele pela humilhação causada. Pois conforme Rinne: "Vingar-se significa, portanto, antes de tudo, restabelecer a autoconsideração, compensar a perda, recuperar a força e o poder [...]" (RINNE, 2017, p. 146). Assim, Medeia se vinga a fim de reestabelecer sua dignidade e força que teriam sido abaladas pelas atitudes impiedosas do rei. Quanto à princesa, esta foi apenas uma vítima necessária para o plano de vingança, Medeia não sentia por ela exatamente raiva ou inveja, pois compreendia que as mulheres gregas não tinham autonomia para decidir por conta própria com quem casar; porém, ela precisava ser morta para que Jasão fosse castigado, sendo impedido de ter descendentes com ela; além disso, em alguns versos fica evidente a repulsa que a princesa sentia pelos filhos de Medeia, assim possivelmente, ela temia que a princesa os maltratassem ou fizesse algo ainda pior contra eles.

MEDÉIA

[...] nenhum deles há de rir
por ter atormentado assim meu coração!
Quero que se arrependam de seu matrimônio
amargamente, e amargamente se arrependam
de sua aliança e de meu iminente exílio.
Vamos, Medéia! Não poupes recurso algum
de teu saber em teus desígnios e artifícios!
Começa a marcha para a tarefa terrível!
Chegou a hora de provar tua coragem!
Não vês como te tratam? Não deves pagar
um tributo de escárnio ao himeneu do sangue
de Sísifo com um Jáson qualquer, Medéia¹⁴,
filha de um nobre pai, tu, da raça do Sol!
Tens a ciência e, afinal, se a natureza
fez-nos a nós, mulheres, de todo incapazes
para as boas ações, não há, para a maldade,
artífices mais competentes do que nós! (EURÍPIDES, 1991, p. 30-31)

Mais uma das transgressões cometidas pela estrangeira é o discurso feminista que ela profere diante do coro de mulheres de Corinto, que representam nada mais que a voz coletiva da *pólis* grega. Sua irregularidade se dá porque ela vai contra o estatuto feminino da Grécia. Pois, uma mulher de bom senso, segundo os ideais gregos de comportamento feminino, melhor dizendo, uma mulher submissa jamais teria a capacidade de ousar ir contra os ideais, muito menos de questioná-lo ou de denunciar publicamente as imposições sofridas, pois as mulheres devem aceitar sem questionar as normas, e são consideradas por ele, seres irracionais e inferiores, impedidas de discursar ou participar de debates e do mundo político. Algumas mulheres talvez nem se quer, teriam consciência do mundo machista em que viviam, acreditando merecer e banalizar a posição de oprimida que tem.

Medeia, entretanto, por se vê cansada de tanto infortúnio, revoltada com sua situação após ter sido repudiada por seu marido o quão a deixou numa condição miserável, faz uma reflexão se mostrando extremamente racional, crítica, corajosa e farta da opressão dos homens. Ela não apenas observou a desigualdade e o sofrimento feminino, como ousou quebrar as normas de conduta feminina ao discursar em público para outras mulheres, função proibida ao gênero, além disso, o conteúdo em si era bastante polêmico, seu discurso ia indiretamente contra os mais fortes, os homens; e poderia a partir dele, mesmo que dificilmente, gerar um motim feminino revoltado contra o sistema social patriarcal ou pelo menos incentivar sua plateia a reflexão sobre a condição de inferioridade das mulheres. Assim, ela denuncia o sofrimento feminino, a submissão, a inferioridade, as imposições sociais sobre a mulher e a vida de casada, e por fim, rebaixa a virilidade da esfera masculina ao dizer que prefere guerrear a parir.

MEDÉIA

Das criaturas todas que têm vida e pensam,
somos nós, as mulheres, as mais sofredoras.
De início, temos de comprar por alto preço¹⁰
o esposo e dar, assim, um dono a nosso corpo
— mal ainda mais doloroso que o primeiro.
Mas o maior dilema é se ele será mau
ou bom, pois é vergonha para nós, mulheres,
deixar o esposo (e não podemos rejeitá-lo).
Depois, entrando em novas leis e novos hábitos,
temos de adivinhar para poder saber,
sem termos aprendido em casa, como havemos
de conviver com aquele que partilhará
o nosso leito. Se somos bem-sucedidas
em nosso intento e ele aceita a convivência
sem carregar o novo jugo a contragosto,
então nossa existência causa até inveja;

se não, será melhor morrer. Quando um marido se cansa da vida do lar, ele se afasta para esquecer o tédio de seu coração e busca amigos ou alguém de sua idade; nós, todavia, é numa criatura só que temos de fixar os olhos. Inda dizem que a casa é nossa vida, livre de perigos, enquanto eles guerreiam. Tola afirmação! Melhor seria estar três vezes em combates, com escudo e tudo, que parir uma só vez! (EURÍPIDES, 1991, p. 23-24)

A manipulação impecável para com seus inimigos, Creonte e Jasão, cheia de cautela e frieza é outro ponto transgressor da personagem; pois Medeia indo contra o temido e respeitável estatuto feminino, que exige respeito e submissão aos homens, age de acordo com suas vontades e não teme ao manipular seus inimigos, até mesmo os mais poderosos, ela se garante em sua lábia e no sucesso de seu plano. Além do mais, é impossível imaginar uma mulher comum na Atenas clássica agindo de modo tão “masculino”, ou seja, de modo inteligente (racional) e corajoso, até porque enganar os homens é contrariar o ideal feminino de comportamento prescrito pela sociedade *poliade*. Porém, para convencê-los a agirem como ela gostaria e conseguir concretizar a sua vingança monumental, ela se utiliza de uma retórica impecável, e de uma coragem incomum para as mulheres da sociedade grega.

Diante disso, a dissimulação da protagonista fica evidente no trecho em que persuade o rei com falsas palavras de conformismo e compreensão sobre o casamento da filha dele com Jasão, chega ao ápice da esperteza ao comentar a ele que agiu bem casando a princesa com Jasão, e que nada tem contra ele. Por fim, ela consegue convencê-lo a deixar que ela permaneça mais um dia em Corinto com a desculpa de que precisa planejar o exílio e o sustento dos filhos, quando na verdade pretende planejar com perfeição a vingança contra os inimigos que a maltrataram.

MEDÉIA
 Não me preocupa agora ameaçar um rei;
 não tremas diante de mim, pois que maldade
 já me fizeste? Não ofereceste a filha
 a quem a quis? Odeio o meu esposo, sim;
 mas, quanto a ti, creio que procedeste bem;
 tua felicidade não me causa inveja.
 Casem-se os dois, sejam felizes, mas me deixem
 viver aqui. Suportarei sem um murmúrio
 as injustiças. Os mais fortes me venceram. (EURÍPIDES, 1991, p. 26)

No diálogo com Jasão, ela astutamente finge perdoá-lo pelo repúdio, finge concordar com suas atitudes, e fala tudo que ele gostaria de ouvir, fazendo dele o seu fantoche que se

encaminha para seu próprio destino de horror. O diálogo entre eles foi premeditado por ela, a fim de que ele levasse os filhos ao palácio para entregar o presente envenenado à princesa, por fim, ele inocentemente acredita em suas palavras e leva o veneno e as crianças consigo, sem suspeitar que esteja sendo usado pela feiticeira. Diante disso, ela acaba também por enganar Glauce, pois mesmo sem lhe dirigir uma palavra, somente por conhecer sua vaidade, ela conseguiu matá-la.

MEDÉIA

Imploro, Jáson! Peço-te perdão por tudo
que já te disse [...]
Essas ponderações me fizeram sentir
toda a minha imprudência e toda a desrazão
de meu ressentimento. Agora estou de acordo com teu procedimento
e julgo-te sensato por teres desejado uma aliança nova
e chamo-me demente [...] (EURÍPIDES, 1991, p. 51-52)

Ademais, ela arquiteta sua vingança com uma maestria incomum, se mostrando inteligentíssima com seus planos de vingança, pensa em todos os detalhes calculadamente, na ludibriação e em como fazer o veneno chegar até a princesa sem ser pega antecipadamente. Diante disso, percebe-se o quão atípica é a sua personalidade quando comparada a outras mulheres de seu tempo e ao ideal feminino. Sua frieza transcende a fragilidade e a submissão feminina, pois, uma mulher comum após a expulsão do rei provavelmente se desesperaria e depois do sofrimento, se conformaria buscando um novo exílio para ela e seus filhos, no entanto Medeia age de forma totalmente inédita, sendo capciosa, e com uma coragem e frieza comumente masculina. Nos versos 410 a 455 seus pensamentos calculados podem ser observados, bem como toda sua astúcia, desprezo pelo rei e sede de vingança. Neles a personagem planeja como irá cometer os crimes e parece se deleitar enquanto expõe suas ideias de assassinato. Tudo isso motivado por se sentir injustiçada e desonrada por eles, Medeia age pensando na restauração de sua força perdida e de sua honra heroica.

MEDÉIA

Dirigindo-se ao CORO

Meu sofrimento é imenso, incontestavelmente,
mas não considereis ainda definida
a sucessão dos acontecimentos próximos.[...]
Estai certas:
lisonjuei Creonte para meu proveito
e minhas súplicas foram premeditadas.
Eu nem lhe falaria se não fosse assim,
nem minhas mãos o tocariam, [...]
serão cadáveres três inimigos meus:
o pai, a filha e seu marido. Vêm-me à mente
vários caminhos para o extermínio deles,
mas falta decidir qual tentarei primeiro,
amigas: incendiarei o lar dos noivos,

ou lhes mergulharei no fígado um punhal
bem afiado, entrando a passos silenciosos
na alcova onde está preparado o leito deles?
Mas uma dúvida me ocorre e me detém:
se eu for surpreendida traspassando a porta
na tentativa de atingi-los com meus golpes,
rirão de mim, vendo-me morta, os inimigos.
Melhor será seguir diretamente a via
que meus conhecimentos tornam mais segura:
vencê-los-ei com meus venenos. Assim seja!
Estarão mortos, mas que povo, que cidade
me acolherão depois? [...]
Quando eu puder contar com um refúgio certo¹¹,
consumarei o assassinato usando astúcia
e dissimulação; e quando eu decidir,
nada, nenhum obstáculo me deterá,
e de punhal na mão os eliminarei¹²,
inda que tenha de morrer [...] (EURÍPIDES, 1991, p. 30-31)

MEDÉIA

Dirigindo-se ao CORIFEU

Agora vou contar-te todos os meus planos
(minhas palavras não serão para agradar).
Enviarei a Jáson um de meus criados
para pedir-lhe que venha encontrar-me aqui.
Quando chegar, falar-lhe-ei suavemente;
direi que suas decisões são acertadas
e concordo com elas; [...] (EURÍPIDES, 1991, p. 48)

Diante disso compreendem-se as transgressões da personagem e suas razões para praticá-las. Medeia era uma mulher boa e devota a seus amigos, porém quando se vê golpeada injustamente por eles, sabe melhor ainda ser má. Suas atitudes são, de certa forma, justificáveis do ponto de vista moral, principalmente da moral heroica que não admite ser derrotada e desonrada, nem tolera muito menos a ideia de virar piada aos inimigos. Sendo assim, a heroína de temperamento bárbaro é modelo de transgressão feminina, que não se submete ao egoísmo masculino, ela é resistência à androcêntrismo da *pólis* grega, ao estatuto feminino e às ordens do sistema patriarcal.

Conclui-se então que ela estava, inicialmente na peça, numa condição feminina frágil, pois sofria discriminação social onde morava, havia sido exilada, estava sem rumo e repudiada, se encontrava sem estrutura financeira e amparo social; ademais, com o emocional completamente arruinado devido a essas desventuras, e devido a deslealdade e as injustiças de Jasão para com ela, porém consegue reverter essa situação, e migra para a condição feminina de mulher transgressora e forte, com motivações razoavelmente pertinentes para cometer os atos transgressores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho foi examinada como era a vida das mulheres na Atenas clássica, e constatou-se que há diversas categorias femininas as quais foram idealizadas pelos cidadãos, e que todas as mulheres sofriam com as imposições sociais de cada estatuto, especialmente as esposas legítimas por sua reclusão. Verificou-se também a finalidade da tragédia grega, que demonstra ter fins pedagógicos machistas, e as interpretações acerca da representação de personagens femininas. Foi abordado o mito e a tragédia grega de Medeia, bem como as rupturas na escrita trágica de Eurípides, de modo a perceber que em sua escrita inovadora de tragédias foi introduzida a análise acerca da singularidade dos indivíduos e suas questões emocionais, bem como a denúncia da discriminação sofrida pelas mulheres; não tendo somente uma análise do coletivismo dos cidadãos, aspecto comum nas tragédias de seu tempo. A pesquisa buscou principalmente analisar como era a condição feminina de Medeia e a racionalização de seus atos transgressores, sendo constatado a partir desta análise que a personagem se encontrava a princípio numa condição feminina frágil, tanto no quesito social como emocional, pois era uma mulher estrangeira em terra grega, portanto mais excluída civicamente que as mulheres gregas comuns; sofria discriminação dos habitantes por ser feiticeira, além disso, havia sido repudiada pelo marido depois de realizar feitos heroicos por ele, e expulsa do lugar que vivia pelo rei. Assim, estava totalmente desestruturada social e emocionalmente, se sentindo rebaixada e desonrada; todavia, ela decide reverter essa condição, passando a se tornar uma mulher transgressora, extremamente inteligente, forte e violenta; e a racionalização que ela faz de seus atos transgressores constata que ela tinha razões justificáveis para cometer os crimes, especialmente do ponto de vista da moral heroica. Por isso, posta nesta nova condição, de transgressora, e acreditando ter fortes razões para se vingar, ela pratica atos brutais contra seus inimigos, chegando a matar os próprios filhos para conseguir realizar tal objetivo, e claro, para recuperar sua dignidade, sua auto validação e honra heroica.

A contribuição do estudo se dá por proporcionar uma compreensão mais aprofundada sobre uma personagem tão famosa da mitologia, e sobre a racionalização que ela faz de seus atos trágicos na peça, proporcionando uma nova e mais positiva perspectiva sobre a personagem, além de verificar como era a vida das mulheres em Atenas. Destarte, um novo trabalho a ser realizado a partir desta pesquisa poderia ser uma análise das atitudes problemáticas de Jasão e/ou das atitudes discriminatórias e impiedosas da ordem social da *pólis* grega para com os marginalizados socialmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERQUÓ, Thirzá Amaral. **Mulheres Indômitas: as heroínas da tragédia grega.** 2015. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/132872/000983937.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 05 de jan. 2021.
- BERQUÓ, Thirzá Amaral. **Entre as heroínas e o silêncio: a condição feminina na Atenas Clássica.** Oficina do Historiador, EDIPUCRS, Suplemento especial - eISSN 21783738- I Encontro de Pesquisas Históricas- PUCRS. Revista Discente do Programa de Pós - Graduação em História. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/19053/12112>> Acesso em: 13 de mar. 2021
- CARPEAUX, Otto Maria. Eurípedes e a tragédia grega. In: EURÍPIDES. **Medeia.** Tradução: Trajano Vieira, edição bilíngue. São Paulo: Ed. 34, 2010. 187-190.
- DUTRA, Enio Moraes. **O mito de Medéia em Eurípedes.** 1991. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/article/download>> Acesso em: 10 de jul. 2021.
- GERALDO, Lidiana Garcia. **Dionísio e a representação feminina na tragédia grega.** - Revista Hélade, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/42846196/Dioniso_e_a_representa%C3%A7%C3%A3o_feminina_na_Trag%C3%A9dia_Grega> Acesso em: 17 de maio. 2021.
- KURY, Mário da Gama. **Medéia: uma tragédia grega.** In: EURÍPIDES, 1991. - Rio de Janeiro: Expresso Zahar - Ed. 2007.
- LESSA, Fábio de Souza. NOGUEIRA, Guilherme Lemos. **Políticas hostis com o bárbaro: o caso de Medeia.** PHOÏNIX, Rio de Janeiro, 24-1: 66-81, 2018.
- LOPES, Giovana dos Santos. **Medéia de Eurípedes: um olhar sobre tradição e ruptura, na tragédia grega.** Disponível em: Revista Urutágua - revista acadêmica multidisciplinar – <<http://www.urutagua.uem.br/014/14lopes.htm>> Nº 14 – dez. 07/jan./fev./mar. 2008 – Quadrimestral – Maringá - Paraná - Brasil - ISSN 1519.6178 Departamento de Ciências Sociais - Universidade Estadual de Maringá (DCS/UEM). Acesso em: 08 de jun. 2021.
- LOPES, Eduarda Maria Moreira. RODRIGUES, Manoel Freire. **A construção do trágico em Medeia: uma análise da transgressão na tragédia grega.** - Revista Linguagens & Letramentos, Cajazeiras - Paraíba. v. 3, nº 1, Jan-Jun, 2018.
- MATA, Giselle Moreira da. **“Entre risos e lágrimas”:** uma análise das personagens femininas atenienses na obra de Aristófanes (séculos VI a IV a.C.). 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/21_GiselleDaMata_EntreRisosELagrimas.pdf> Acesso em: 03 de fev. 2021.

QUARANTA, Ettore. **A pólis e os metecos.** – Anais Eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, Santos, 2014. Disponível em: <http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1406779017_ARQUIVO_Apolis eosmetecos.pdf> Acesso em: 30 de março. 2021.

RINNE, Olga. **Medeia.** A redenção do feminino sombrio como símbolo de Dignidade e Sabedoria. São Paulo: Cultrix, 2017.

ROBUSTELLI, Maruccia Maria do P. S. O. **Itinerários de sociologia e ética sobre o amor:** crítica literária de personagens femininos escolhidos. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6575>> Acesso em: 15 de jul. 2021.

ROSENFELD, Kathrin H. **Representações da inteligência feminina na Grécia clássica:** Clitemnestra, Jocasta e Antígona. Tradução de Guilherme Mautone. Revisão Técnica Alessandro Zir. - Linguagem & Ensino, Pelotas, v.17, n.1, p. 187-214, jan./abril 2014.

SANTOS, Juliana Magalhães dos. **Espacialidade na Atenas do V século a.C.** – Alétheia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievalo – Volume 9/2, 2014.

SILVA, Talita Nunes. **As Estratégias de Ação das Mulheres Transgressoras em Atenas no V século a.C.** 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói 2011. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1507.pdf>>. Acesso em: 20 de fev. 2021.

SILVA, Lisiana Lawson Terra da. GONÇALVES, Jussemar Weiss. **A fabricação do feminino na tragédia.** – Revista Cantareira – Edição 24/ Jan-Jun, 2016. – Dossiê História e Gênero. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27830>> Acesso em: 14 de jun. 2021.

SPINELLI, Miguel. **Dois mulheres de Atenas:** Aspásia, a companheira de Péricles, e Xantipa, a de Sócrates. - HYPNOS, São Paulo, v. 39, 2º sem., 2017, p. 258-287.

TSURUDA, Maria Amália Longo. **Medéia:** uma discussão sobre a mulher em Eurípedes. 2009. *Notandum* 19 jan-abr 2009 CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto. Disponível em:<https://www.academia.edu/31552927/Med%C3%A9ia_uma_discuss%C3%A3o_sobre_a_mulher_em_Eur%C3%ADpides> Acesso em: 30 de jul. 2021.